

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Marcella Mastena Torres

**UM ESTUDO SOBRE A TOMADA E A CONSERVAÇÃO DO PODER
NA AMÉRICA LATINA: CUBA**

Orientadora: Maria Elena Rodriguez

Rio de Janeiro

2021.1

AGREDECIMENTOS

Agradeço aos meus pais: Cicero e Luciene. Minhas memórias mais especiais serão sempre as que eu compartilho com vocês. Pai, li outro dia que a dor da perda tem a mesma proporção da intensidade da presença: nada pode aplacar a dor da perda porque ela nasce de uma vida que foi lindamente compartilhada. Te amo até a lua. Ida e volta. Mãe, quero estar sempre perto pra viver todos os seus sonhos com você. Te amo profundamente. Agradeço também à minha irmã, Ingrid, por ser a melhor irmã que eu poderia ter. Estaremos sempre juntas.

Élio Alencar, tem um tanto de você não só no que eu escrevi, mas em quem eu sou. Foi com o nosso encontro que, há seis anos atrás, eu comecei a olhar com atenção para as pessoas. Não tem um dia em que tudo não seja diferente por sua causa. Obrigada por tudo.

Aos meus amigos de infância: Carol Cavedagne, João Victor Alves, Júlia Marques, Matheus Pinto, Pedro Gabriel Paiva, Luca Salvatore e Luíza Eduarda Vieira. Meus dias mais difíceis foram sempre preenchidos pelo carinho de vocês. Amo vocês incondicionalmente. Obrigada por tanto.

Agradeço aos amigos que fiz nestes anos de graduação: Alice Martins, Bruna Urtiga, Carol Sarmiento, Irene Struchiner, João Pedro Barbosa, Maria Eduarda Franco, Maria Eduarda Magalhães e William Laino. Meu coração sorri só de ver o rostinho de vocês. Que a gente cultive essa troca, esse cuidado e esse amor pra sempre.

RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito central investigar os elementos objetivos que levaram à tomada e manutenção do poder pela classe trabalhadora em Cuba, sendo estes: I) a disciplina no Movimento 26 de Julho – embrião do que viria a ser o Partido Comunista de Cuba (PCC) – relacionada à consciência da vanguarda proletária e sua capacidade de se ligar com as massas trabalhadoras; II) o apoio da massa da classe trabalhadora; III) a instauração da ditadura do proletariado e IV) a implementação da direção política correta pela vanguarda. O estudo ainda apresenta uma exposição de como se fundamenta este domínio político da classe trabalhadora em Cuba. Os fundamentos da democracia socialista tratam não só de aspectos fundamentais do modelo eleitoral cubano, mas do processo de concepção altamente participativo do texto constitucional, bem como da estrutura e modo operacional das organizações de massa.

Palavras-chave: Revolução Cubana; Movimento 26 de Julho; Socialismo; Tomada do poder político; Conservação do poder político.

SUMÁRIO

Lista de abreviações	5
1. Introdução	6
1.1. Metodologia científica	9
1.2. Classificação quanto aos objetivos da pesquisa	9
1.3. Classificação quanto à escolha dos objetos de estudo	11
1.4. Marco teórico	12
2. Introdução ao estudo de Cuba socialista	15
2.1. A Europa é indefensável	15
2.2. Destinados pela providência a espalhar a praga da miséria pela América em nome da liberdade	18
2.3. A guerrilha e a conquista do poder	22
2.4. Contrarrevolução	24
3. As condições fundamentais do êxito revolucionário	27
3.1. A disciplina no M-26-7	27
3.2. O apoio da massa da classe trabalhadora	33
3.3. A instauração da ditadura do proletariado	35
3.4. A implementação da direção política correta	37
4. Os fundamentos da democracia socialista	41
4.1. O modelo eleitoral cubano	41
4.2. As organizações de massa	44

4.3. O texto constitucional	48
5. Considerações finais	51
6. Referências bibliográficas	55

LISTA DE ABREVIACÕES

ANAP – Associação Nacional de Pequenos Agricultores

CCS – Cooperativa de Crédito e Serviços

CDR's – Comitês de Defesa da Revolução

CPA – Cooperativa de Produção Agropecuária

CTC – Central de Trabalhadores de Cuba

FAR – Forças Armadas Revolucionárias

FEEM – Federação de Estudantes do Ensino Médio

FEU – Federação Estudantil Universitária

FMC – Federação de Mulheres Cubanas

M-26-7 – Movimento 26 de Julho

PCC – Partido Comunista de Cuba

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como propósito central investigar os elementos objetivos que levaram à tomada e manutenção do poder pela classe trabalhadora em Cuba. O que tornou a improvável vitória a partir da guerrilha estabelecida em *Sierra Maestra* possível? Após o fracasso da contrarrevolução na *batalla de Girón*, que se traduziu em mais de cinquenta e oito anos de um bloqueio econômico criminoso imposto pelos Estados Unidos, e do penoso período especial, como o projeto revolucionário manteve-se vivo? Experiências históricas operam como laboratórios da práxis revolucionária e nos permitem extrair lições preciosas ao rever em suas bases a teoria – como fez Marx diante da Comuna em 1871. A perda de prestígio destas análises está relacionada ao esvaziamento do campo socialista e a consequente mudança de horizonte estratégico que se reduziu à luta por reformas do capitalismo. Hoje, Jones Manoel (2019, p. 96) relata, o número de laboratórios de pesquisa e grupos de estudos dedicados à história do movimento comunista registrado nos bancos de dados de diversas entidades de pós-graduação (Capes, CNPq etc.) não chega a três dezenas, bem como no corpo acadêmico brasileiro, conta-se nos dedos o número de especialistas que tem como problema de pesquisa as experiências socialistas e seus desdobramentos. Ele prossegue:

“Enquanto isso, na centro-esquerda partidária, composta por PT, PCdoB, PDT e PSB, com exceção do PCdoB, não há mais nenhuma preocupação sistemática de pesquisa ou debate sobre a história das experiências socialistas. Já entre PCB, PSTU, PCO, PCR e PSOL, que são partidos no campo radical com orientação socialista – clara ou difusa -, essa preocupação ainda existe. Entretanto, ela não é massiva nem tem influência pública para pautar o debate sobre o tema. O PSOL é o partido mais estruturado desse campo e além de uma ou outra intervenção pontual, não se

notam esforços unificados e ampliados nesse sentido” (MANOEL, 2019, p. 96-97).

Jones (2019, p. 97) argumenta que esse cenário impõe a conclusão incontestável de que existe nas ciências sociais e na cultura política brasileira não só uma profunda ignorância, bem como um espaço vazio quando o tema é o movimento comunista e suas experiências no século passado. Contudo, ele lembra, um espaço vazio na política, nunca está realmente vazio: “Essa lacuna cria oportunidade para uma ideologia liberal e anticomunista atrasada o quase-deserto de ideias e pesquisas e apresentar um balanço histórico do século XX que reflete a ótica dos vencedores.” Não é à toa que o coração desta pesquisa seja a problemática da tomada e conservação do poder pela classe trabalhadora. Este é um estudo que não se rende à versão histórica da classe dominante, fortalecendo uma perspectiva de superação da ordem capitalista, bem como assumindo o dever histórico de defender o legado do socialismo real.

Seria inviável, sem a exposição da rica história prática do Movimento, fornecer uma explicação satisfatória acerca das condições mencionadas anteriormente, que possibilitaram forjar e manter, nas mais difíceis condições, a disciplina férrea necessária à vitória do proletariado. Nesse sentido, no segundo capítulo terão destaque as principais etapas da história do M-26-7 desde suas origens, quando ocorreu o golpe de Estado protagonizado por Fulgencio Batista (1952), seguido pelo lançamento de um programa revolucionário e a organização de um levante popular. Já naquele momento, as ideias revolucionárias fundamentais estavam presentes, as ideias que estão em *A História me absolverá* (RAMONET, 2016, p. 108). Lênin, no que diz respeito às condições fundamentais que tornam possível a vitória política, ressalta que estas não surgem de repente. Vão se formando somente através de um trabalho prolongado, de uma dura experiência; sua formação é facilitada por uma correta teoria revolucionária que, por sua vez, não é um dogma e só se forma de modo definitivo em estreita ligação com a experiência prática de um movimento verdadeiramente de massas e verdadeiramente revolucionário (LÊNIN, 2014, p. 48-49). A respeito da base teórica do M-26-7, Fidel Castro – principal dirigente da revolução – afirmou em sua *Biografia A Duas Vozes*:

“Se não tivéssemos estudado o marxismo (...), se não tivéssemos conhecido nos livros a teoria política de Marx, e não nos tivéssemos inspirado em Martí, em Marx e em Lenin, não teríamos conseguido sequer conceber a ideia de uma revolução em Cuba, porque com um grupo de homens como aqueles, que nunca tinham passado pela

academia militar, não era possível fazer uma guerra contra um exército bem organizado, bem armado, instruído militarmente, e sair vitoriosos partindo praticamente do zero.” (RAMONET, 2016, p. 114)

Assim, será exposto como foi elaborada e efetivada com êxito nos anos de 1952-1959, a mais rigorosa centralização e uma disciplina férrea. Em curto espaço de tempo, em meio de sacrifícios extraordinários; de heroísmo revolucionário; de incrível energia e estudo incansável; de experimentação na prática; de desilusões; de comprovação, e sob uma variedade de métodos de luta e também em consequência do atraso do país, a luta amadureceu com singular rapidez (LÊNIN, 2014, p.45).

No terceiro capítulo serão abordadas as condições fundamentais do êxito do movimento revolucionário, sendo estas: I) a disciplina no Movimento 26 de Julho – embrião do que viria a ser o Partido Comunista de Cuba (PCC) – relacionada à consciência da vanguarda proletária e sua capacidade de se ligar com as massas trabalhadoras; II) o apoio da massa da classe trabalhadora; III) a instauração da ditadura do proletariado, ou seja, da guerra mais severa e implacável da nova classe contra um inimigo mais poderoso, a burguesia, cuja resistência está decuplicada em virtude de sua derrota (mesmo que em apenas um país) (LÊNIN, 2014); IV) a implementação da direção política correta pela vanguarda, ou seja, o uso de estratégia e táticas políticas acertadas, tendo as mais amplas massas se convencido destas por experiência própria (LÊNIN, 2014). Esta última diretamente relacionada, por exemplo, ao sucesso do país – pequeno e pobre em termos capitalistas – em eliminar algumas das mais graves pragas que assolam a humanidade: o analfabetismo, a fome, a miséria.

No quarto capítulo é desenvolvida uma apresentação dos fundamentos da democracia socialista cubana. A exposição abarca bem mais do que aspectos fundamentais do modelo eleitoral cubano: trata do processo de concepção altamente participativo da Constituição vigente, bem como da estrutura e modo operacional do Poder Popular e demais órgãos consultivos. Este capítulo joga luz sobre um processo que envolve bem mais do que o exercício do voto direto e combina um modelo eleitoral fortemente popular e participativo com prestação de contas, representatividade autêntica e pensamento e direção coletiva. Por fim, as considerações finais deste estudo serão responsáveis por demonstrar como os objetivos propostos nesta seção de apresentação e justificativa da pesquisa foram esclarecidos.

Esta pesquisa atende à necessidade da produção de balanços desviantes do discurso hegemônico das grandes experiências históricas de luta da nossa região. A partir dos anos 80,

o esvaziamento do campo socialista aliado ao momento histórico latino-americano produziu uma deserção generalizada, abandono de princípios e estratégias básicas. A renegação das experiências socialistas e a narrativa de fim da história fomentadas pela derrota da resistência clandestina, a consolidação de um novo ciclo de expansão econômica e a hegemonia neoliberal que teve início com o fim das ditaduras militares, foram como um balde de água fria para aqueles que tinham esperança na construção de uma sociedade radicalmente nova. Houve, então, quem defendesse que a época dos golpes de Estado, dos *Batistas* que sempre aparecem, havia ficado no passado. Contudo, na história da América Latina, não faltam exemplos de projetos políticos de diversos matizes de esquerda que chegaram ao governo e foram derrubados por golpes de Estado patrocinados pela burguesia interna aliada ao imperialismo.

Reinou a estabilidade democrática somente quando a conquista do poder político pela classe trabalhadora não estava na ordem do dia, como nos anos 90 de hegemonia neoliberal. Verdadeiramente, não faltam exemplos de momentos históricos em que a classe dominante traiu suas promessas e instituições liberais e patrocinou a derrubada de governos conhecidos por sua moderação, sem qualquer caráter anticapitalista. Como aconteceu em novembro de 2019, quando desenrolou-se um golpe militar de estilo clássico na Bolívia. Nesse sentido, esta pesquisa ainda chama atenção para a forma com que se manifesta o poder burguês na periferia do sistema capitalista: a moderação dos governos da onda rosa impossibilitou que se freasse a inevitável reação em diversos países da América Latina e a esperança em conter adversários políticos por meio da força das urnas, cobrou um preço alto. Por fim, este estudo acerca da tomada e conservação do poder na América Latina, visa chamar atenção para o fato de que: apesar dos acontecimentos mencionados, grande parte da esquerda – especialmente no Brasil – ignora ou rejeita uma das experiências mais bem-sucedidas em se defender do imperialismo e do golpismo da burguesia na América Latina: Cuba.

1.1. METODOLOGIA CIENTÍFICA

Quanto ao objetivo desta pesquisa – identificar os fatores que determinaram ou contribuíram para a vigência do Estado socialista em Cuba –, este estudo possui caráter de pesquisa explicativa. Para além de registrar e analisar o fenômeno estudado, a pesquisa causal (explicativa) visa identificar suas causas através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos (SEVERINO, 2016). A maior parte das pesquisas causais faz uso do método experimental, caracterizado pela manipulação das variáveis relativas ao objeto de estudo, visando identificar qual a variável independente que determina a causa da variável dependente

ou do fenômeno em estudo (ASSIS, 2009). Já quanto à escolha do objeto de estudo, esta pesquisa consiste em um estudo de caso único. O estudo de caso é um tipo de pesquisa qualitativa, caracterizada pelo estudo aprofundado e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento (LEÃO, 2017). O objeto de estudo escolhido deve ser significativo e bem representativo, de modo a ser apto a fundamentar uma generalização para situações análogas, autorizando inferências (SEVERINO, 2016). A seguir, será aprofundada a classificação quanto aos objetivos da pesquisa e a classificação quanto a natureza do objeto de estudo.

1.2. CLASSIFICAÇÃO QUANTO AOS OBJETIVOS DA PESQUISA

De acordo com Gil (1999), o objetivo básico da pesquisa explicativa é identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de um fenômeno. Para Assis (2009), são os estudos explicativos, que buscam esclarecer acerca da razão e das relações de causa e efeito dos fenômenos, que fundamentam o conhecimento científico. Contudo, posto que a identificação dos fatores que determinam um fenômeno exige que este seja devidamente explicado (LEÃO, 2017), é importante ressaltar que pesquisas exploratórias e descritivas constituem pesquisa prévia indispensável para o desenvolvimento da própria pesquisa explicativa.

Este tipo de pesquisa almeja determinar relações de causa-efeito através da manipulação direta das variáveis relativas ao objeto de estudo, buscando identificar as causas do fenômeno (LAKATOS & MARCONI, 2001). Para isso, a pesquisa causal sustenta-se, muitas vezes, no método experimental, que caracterizado justamente pela manipulação de variáveis, envolve hipóteses especulativas e define relações causais. Tendo em conta o caráter rigoroso dos requisitos para a prova de causalidade, as questões de pesquisa e as hipóteses relevantes precisam ser muito específicas (AAKER, KUMAR & DAY, 2004).

Para Gil (2019), o propósito das pesquisas explicativas faz com que estas constituam o tipo mais complexo e delicado de pesquisa, na qual a possibilidade de cometer erros eleva-se consideravelmente. Mattar (2001) explica que, na prática, as relações de causa e efeito não são nada simples. É complexa a atribuição de causalidade e raramente é possível encontrar uma causalidade determinística, ou seja, uma única causa. Nesse sentido, o mais comum é que por meio da coexistência de diversas variáveis causais, se determine a existência de um fenômeno. Mattar argumenta que:

“Inclusive, jamais chega a afirmar categoricamente a relação de causalidade, mas sim em termos de probabilidade, com afirmações do tipo: ‘se ocorrer isto, provavelmente deverá ocorrer aquilo’. É a chamada causalção probabilística” (MATTAR, 2001, p. 31).

Ainda segundo o autor, existem três critérios para inferir causalidade: 1) a variação concomitante, ou seja, o estabelecimento de uma hipótese em que há ocorrência de uma variação conjunta entre uma possível causa (x) e um efeito (y); 2) a ordem de ocorrência das variáveis no tempo: a causa (x) deve anteceder o efeito (y), de modo que possibilite estabelecer uma relação entre os dois; 3) eliminação de outros fatores: nesta fase, diferentemente dos casos anteriores, não existe regra para aplicação deste critério. O pesquisador usa sua experiência e sensibilidade para encontrar e eliminar outros fatores.

O propósito dos critérios apresentados anteriormente é fornecer uma base razoável para que seja possível inferir sobre o resultado. Nesse sentido, é possível obter ainda mais confiabilidade quando sucessivas experimentações fazem uso das mesmas variáveis e apresentam resultados semelhantes. De acordo com Malhotra (2001), os experimentos evidenciam de modo ainda mais convincente estes três critérios. Assim, forma-se um experimento quando uma ou mais variáveis independentes são manipuladas ou controladas pelo pesquisador, medindo-se seu efeito sobre uma ou mais variáveis dependentes.

1.3 CLASSIFICAÇÃO QUANTO À ESCOLHA DO OBJETO DE ESTUDO

A pesquisa de estudo de caso possui abordagem qualitativa e é constituída por um ou mais casos, que são explorados por meio de uma detalhada coleta de dados (CRESWELL, 2014). Yin escreveu a esse respeito:

“Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p. 33).

Freitas e Prodanov (2013) argumentam que a convergência de resultados provenientes de fontes distintas oferece um excelente grau de confiabilidade ao estudo, até mesmo superior ao oferecido por pesquisas orientadas por outras estratégias. O estudo de caso é caracterizado, principalmente, por ser uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente (TRIVIÑOS, 1987). O exame profundo e exaustivo de um ou de poucos

objetos, permite um amplo e pormenorizado conhecimento do objeto de estudo (GIL, 2019). A esse respeito, Dionne e Laville (1999) escreveram:

“A vantagem mais marcante dessa estratégia de pesquisa repousa, é claro, na possibilidade de aprofundamento que oferece, pois os recursos se veem concentrados no caso visado, não estando o estudo submetido às restrições ligadas à comparação do caso com outros casos” (DIONNE & LAVILLE, 1999, p. 156).

Yin (2001) argumenta que esta estratégia de pesquisa é vantajosa quando “faz-se uma questão tipo ‘como’ ou ‘por que’ sobre um conjunto contemporâneo de acontecimentos sobre o qual o pesquisador tem pouco ou nenhum controle” (201, p.28). Ele continua:

“A investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados” (YIN, 2001, p. 33-34).

A pesquisa de estudo de caso é frequentemente percebida como uma forma menos desejável de investigação do que levantamentos ou experimentos devido a, por exemplo, fornecer pouca base para generalização científica (YIN, 2001). Contudo, o próprio autor contra-argumenta: os estudos de caso são, sim, generalizáveis a proposições teóricas (generalização analítica), embora não a populações ou universos (generalização estatística).

1.4. MARCO TEÓRICO

Este estudo visa identificar os elementos objetivos que permitiram a manutenção do poder pela classe trabalhadora em Cuba. Para isso, a teoria do Estado proletário desenvolvida por Lênin será aplicada à experiência socialista cubana. No prefácio de *Esquerdismo: Doença Infantil do Comunismo*, Ronaldo Coutinho (2014) chama atenção para o que denomina como exílio acadêmico de Lênin. Ele escreve a esse respeito:

"Tal fato pode ser evidenciado pela sistemática omissão da vasta obra do grande teórico do marxismo revolucionário nos programas e bibliografias dos cursos sobre história contemporânea, teoria social, sociologia, ciência política

e disciplinas afins, especialmente pelo fato de expressiva parcela dos professores responsáveis pelas mencionadas disciplinas na graduação e na pós-graduação assumirem filiação teórica marxista. Na verdade, a tentativa de desqualificação teórica da obra de Lênin nos círculos acadêmicos e de relegá-la a plano secundário não tem fundamentação minimamente consistente e revela, em minha opinião, uma deliberada rejeição política; Lênin incomoda e desconcerta um grande número de intelectuais situados no eclético espectro da "esquerda" que fixaram sua atuação política nos estreitos limites da universidade, espaço singularmente adequado à formação dos intelectuais orgânicos da burguesia" (COUTINHO, 2014, p. 9-10).

Acerca da relevância teórica da obra de Lênin, Lukács escreveu:

"Poderíamos dizer, sem nenhum exagero, que a última e conclusiva das Teses de Feuerbach, de Marx, segundo a qual os filósofos haviam apenas interpretado o mundo até então, porém era preciso transformá-lo, encontrou na pessoa e na obra de Lênin sua encarnação mais adequada. Marx formulou e realizou essa exigência no âmbito da teoria, fornecendo uma interpretação da realidade social como a base teórica adequada para a transformação dessa realidade. Mas somente com Lênin essa referência teórico-prática da nova visão do mundo assumiu – sem supressão ou enfraquecimento da teoria – uma forma ativa na realidade histórica" (LUKÁCS, 2012, p.106-107).

Obra de destaque redigida nas vésperas da Revolução de Outubro, *O Estado e a Revolução*, apresenta o que Lênin indica como tarefas do proletariado uma vez conquistado o poder político. A tarefa da classe recém-chegada ao poder seria a de destruir o Estado capitalista e criar um Estado operário de transição ao socialismo: a ditadura do proletariado, isto é, o proletariado organizado como classe dominante (LÊNIN, 2017). Lênin chegara a tal conclusão estudando as teorizações de Marx e Engels sobre o Estado e os escritos de Marx sobre a experiência da Comuna de Paris. A esse respeito, vinte anos após a Comuna, Engels fazia o balanço de suas lições para o proletariado em luta. Ele escreveu:

"Segundo a filosofia, o Estado é "a realização da Ideia", o que, em linguagem filosófica, é o reino de Deus sobre a terra, o domínio em que se realizaram ou devem realizar-se a verdade e a justiça eternas. Daí, esse respeito supersticioso pelo Estado e por tudo que toca ao Estado, respeito que tanto mais facilmente

se instala nos espíritos quanto se está habituado, desde o berço, a pensar que os negócios e os interesses gerais da sociedade inteira não poderiam ser regulados diferentemente do que se tem feito até aqui, isto é, pelo Estado e pelos seus subalternos, devidamente instalados nas suas funções. E já se pensa ter feito um progresso extraordinariamente audacioso, emancipando-se da crença na monarquia hereditária para jurar pela República democrática. Porém, na realidade, o Estado não é outra coisa senão uma máquina de opressão de uma classe por outra, e isso tanto numa república democrática como numa monarquia. E o menos que dele se pode dizer é que é um flagelo que o proletariado herda na sua luta pela dominação de classe, mas cujos piores efeitos ele deverá atenuar, na medida do possível, como fez a Comuna, até o dia em que uma geração, educada em uma nova sociedade de homens livres e iguais, puder livrar-se de todo esse aparato governamental" (ENGELS, ANO, p.196).

Lênin também nos esclarece a respeito das contradições presentes na sociedade cubana ao discorrer acerca de como a socialização dos meios de produção não suprime, por si só, os vícios de distribuição e de desigualdade do "direito burguês", que continua a predominar enquanto os produtos foram repartidos "conforme o trabalho" (LÊNIN, 2017). Karl Marx escreveu a esse respeito nas *Glossas marginais ao programa do Partido Operário Alemão*:

"Mas essas distorções são inevitáveis na primeira fase da sociedade comunista, tal como ela surge, depois de um longo trabalho de parto, da sociedade capitalista. O direito nunca pode ultrapassar a forma econômica e o desenvolvimento cultural, por ela condicionado, da sociedade" (MARX, 1844, p. 29).

Ganham destaque neste estudo, a atualidade de Lênin e a necessidade de que todos aqueles que lutam pela transformação revolucionária da sociedade, dediquem-se a leitura de sua obra. Florestan Fernandes (1995) destacou sobre a obra de Lênin, "(...) os seus trabalhos são concebidos e formulados para a construção da estratégia revolucionária, o que não enfraquece a qualidade teórica desses escritos, mas os transforma em instrumentos de combate". O poder explicativo contido na teoria do Estado proletário, desenvolvida por Lênin em *O Estado e a Revolução*, torna a obra uma referência incontornável no desenvolvimento desse projeto. Objeto norteador, nos ajudará a compreender a dinâmica da experiência histórica cubana.

2. INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE CUBA SOCIALISTA

2.1. A EUROPA É INDEFENSÁVEL

De acordo com o que foi indicado anteriormente na seção de apresentação e justificativa da pesquisa, esse capítulo visa abordar as principais etapas da história do movimento responsável por derrubar a ditadura de Fulgencio Batista. Nesse sentido, torna-se necessário retomar acontecimentos que remontam ao período independentista devido à sua íntima ligação com a revolução de 1959. É evidente que não será possível cobrir um período de tempo tão extenso de maneira absoluta ou integral. Verdadeiramente, isso sequer configura uma ambição dessa pesquisa. Esse capítulo visa, então, apresentar uma contextualização histórica concisa e fará uso de recortes ao jogar luz sobre os fatos mais importantes para um entendimento satisfatório das condições que possibilitaram a vitória do M-26-7. Em vista disso, as fontes riquíssimas utilizadas como bibliografia podem e devem ser exploradas para a obtenção de maior conhecimento acerca do conteúdo aqui apresentado.

O projeto que se instalou na ilha em meados do século XX possui raízes profundas no período histórico de lutas travadas contra o colonialismo espanhol no país. Foram séculos de expansão europeia que implicaram no extermínio em massa de povos originários, na exploração da força de trabalho dos sobreviventes e na destruição de outros modos de vida, visando justamente tornar territórios funcionais às lógicas do capital, buscando mão de obra, riquezas e novos mercados consumidores. Marx (1867, p. 638) escreveu sobre como desde o alvorecer da era de produção capitalista foram determinantes o descobrimento das jazidas de ouro e prata da América, a escravização nas minas da população originária, o saque das Índias Orientais e a conversão do continente africano em campo de caça de escravos negros. De acordo com o historiador cubano Juan Pérez de la Riva (1973, p. 21) no espaço de quarenta anos, a população originária da ilha foi reduzida de cem mil para menos de cinco mil, graças à colonização espanhola¹.

Nas palavras do próprio Fidel Castro (2006, p. 25), a Revolução Cubana começou com a primeira guerra de independência, iniciada na parte oriental, em 10 de outubro de 1868, dirigida por Carlos Manuel de Céspedes². Houve um período que se estendeu por cerca de trinta anos, em que aconteceram duas guerras de independência: a Guerra dos Dez Anos (1868-1878) e a Guerra Chiquita (1879-1880)³. Robertson (1967) relata em *História da economia americana* acerca de acontecimentos a nível internacional que influenciariam diretamente no destino de Cuba nessa época:

“Nos Estados Unidos, o fim da guerra civil, em 1865, representou o início de um processo de grande expansão econômica. Ao final do século XIX, o país já ultrapassava em desenvolvimento industrial a Inglaterra e Alemanha, com uma economia altamente concentrada e de grande potencial de competição no mercado internacional. Entre 1888 e 1905, tinham sido efetuadas 328 fusões de empresas, que em 1904 passam a controlar dois quintos da indústria nacional.”

¹ Para mais detalhes a respeito do extermínio de povos originários, recomendo fortemente a leitura de “A World Destroyed” de Juan Pérez de la Riva (1973). Acrescento que, infelizmente, o texto não se encontra disponível em português.

² Indico a leitura do primeiro capítulo de “Fidel Castro: biografia a duas vozes” para mais informações acerca da concepção de Fidel sobre os movimentos de libertação nacional e seus líderes.

³ Para mais detalhes acerca das guerras de independência precursoras à guerra de 1895-1898 procurar pelo primeiro capítulo de “A Revolução Cubana” de Luis Fernando Ayerbe.

Os acontecimentos mencionados anteriormente implicarão em consequências importantes no desfecho da guerra de Independência de 1895-1898. O historiador Luis Fernando Ayerbe conta a respeito deste conflito:

“Em 11 de abril de 1895, desembarca em Cuba, vindo de Santo Domingo, uma expedição sob o comando de Máximo Gómez, na qual também participa José Martí, advogado, escritor, jornalista e grande ideólogo do movimento, desencadeando um processo que mobilizou amplos setores populares. Ao longo do conflito, morrem aproximadamente quatrocentos mil cubanos e oitenta mil espanhóis, o que dá uma dimensão dos seus alcances (Wolf, 1984). Entre as primeiras baixas em combate, está Martí, que perde a vida em 19 de maio de 1895, na batalha de Dois Rios, aos 42 anos” (AYERBE, 2004, p. 22-23).

Fidel (2006, p. 42) afirma que primeiro foi martiano, depois foi marxista-leninista. Comentou acerca da influência que Martí exerceu sobre ele:

“A primeira coisa que li, na minha adolescência, foi sobre as guerras de independência e os textos dele. Tornei-me um simpatizante de Martí quando comecei a ler suas obras. Martí adivinhou, porque ele foi o primeiro que falou de imperialismo, do nascente imperialismo. Ele sim sabia sobre o expansionismo, a guerra do México e todos os demais tipos de guerra; era fortemente contrário a tudo isso, e muito crítico. Foi um precursor. Antes de Lenin, Martí organizou um partido para fazer a revolução, o Partido Revolucionário Cubano. Não se tratava de um partido socialista, já que aquela era uma sociedade escravista, na qual um punhado de homens livres e patriotas estavam lutando pela independência. No entanto, tinha um pensamento muito avançado, antiescravista, independentista e profundamente humanista” (CASTRO, 2006, p. 38).

Sobre a guerra de Independência de 1895-1898, Ayerbe prossegue:

“Os combatentes nacionais conseguem colocar o exército espanhol em retirada, ocupando boa parte das áreas rurais do país. Isso se deveu principalmente à ação das forças guerrilheiras comandadas por Antonio Maceo, que enfrentaram o contingente principal do exército espanhol, que

tinha mobilizado duzentos mil soldados. Maceo morre em combate em 7 de dezembro de 1896. Num momento em que a vitória das forças independentistas está próxima de concretizar-se, o governo norte-americano decide entrar no conflito” (AYERBE, 2004, p. 23).⁴

Cuba foi a última colônia da América Latina a libertar-se da Espanha, em 1898, em um cenário em que os Estados Unidos assumiam uma postura cada vez mais intromissiva e agressiva com relação à ilha. É de conhecimento geral que o país norte-americano havia incrementado seu investimento na produção de açúcar no Caribe desde o fim do século XIX⁵, contudo haviam interesses menos evidentes em jogo. Moniz Bandeira (2009, p. 62) escreveu sobre essa questão:

“Os Estados Unidos tinham nessa ilha interesses diretos, que não eram meramente econômicos, relacionados com o açúcar e o tabaco. Seus interesses eram igualmente estratégicos. A posse de Cuba, da mesma forma que a de Porto Rico e das Ilhas Virgens, cuja cessão o presidente McKinley naquela época tentava obter da Dinamarca com o objetivo de ali estabelecer uma base naval e um depósito de carvão, era percebida como fundamental para a segurança das rotas no Golfo do México e a defesa do canal que o governo norte-americano, quase 50 anos antes, projetara abrir no istmo do Panamá. Essa foi a razão, inter alia, que mais concorreu, talvez, para impulsionar os Estados Unidos ao confronto armado contra a Espanha”
(MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 62)

Verdadeiramente, o longo período de dominação colonial espanhola, que chegou formalmente ao fim em 1898 foi sucedido pelo neocolonialismo promovido pelos Estados Unidos. Ayerbe (2004, p. 24) relatou sobre o desfecho do conflito que durou apenas alguns meses, tendo a Espanha assinado um armistício com os Estados Unidos em 12 de agosto. Ele prossegue comentando sobre a assinatura do tratado de paz que reconheceu a independência de Cuba em 10 de dezembro, além de transferir aos Estados Unidos a posse de Porto Rico e Guam, e o controle das Filipinas mediante pagamento de vinte milhões de dólares. O autor destaca,

⁴ Para conhecer de maneira mais aprofundada o episódio do afundamento do navio de guerra *Maine*, sugiro as páginas 23-24 da obra de Ayerbe.

⁵ Cockcroft (2001) relata sobre o crescente interesse estadunidense em acessar matérias-primas e mercados na região do Caribe, que, no caso de Cuba, concentravam-se especialmente no açúcar, minério de ferro, manganês, tabaco e nas ferrovias.

então, como o governo estadunidense impediu a participação dos líderes cubanos nas negociações, tendo posteriormente passado a ocupar a ilha militarmente⁶.

2.2. DESTINADOS PELA PROVIDÊNCIA A ESPALHAR A PRAGA DA MISÉRIA PELA AMÉRICA EM NOME DA LIBERDADE

Autor da obra monumental *Che Guevara: Uma Biografia*, Jon Lee Anderson (2012, p. 197), retrata esse momento histórico como uma suposta independência obtida às custas da vergonhosa Emenda Platt⁷, de 1901, que concedeu a Washington o direito de intervir na “defesa” de Cuba quando bem quisesse e cedeu a baía de Guantánamo à Marinha de Guerra dos Estados Unidos como uma base naval, em termos que ficavam em aberto. Ayerbe sintetizou perfeitamente:

“Martí não chegou a ver a independência de Cuba, mas certamente acompanharia a convicção da maioria dos líderes revolucionários de que a atuação norte-americana frustrou as expectativas de liberdade e soberania que alimentaram o movimento desde o início. A desilusão com o desfecho será fator essencial na formação de uma singular consciência nacionalista, que passa a reivindicar uma terceira guerra emancipatória, desta vez contra os Estados Unidos” (AYERBE, 2004, p. 25-26).

Florestan Fernandes também escreveu a esse respeito:

“O problema da independência passava a ser, de novo, uma realidade explosiva e algo a ser conquistado a partir de e contra a ordem neocolonial em elaboração. Portanto, a frustração das duas revoluções não elimina as lutas pela libertação nacional. Ela apenas repõe a necessidade de travar essas lutas em um contexto histórico-social diverso e contra uma metrópole menos visível em sua orientação colonialista, mais forte internamente, por seus vínculos com os estamentos dominantes, e mais poderosa em termos da sua capacidade de dominação global” (FERNANDES, 2007, p. 12-13).

⁶ Na seção IV de “The Cuba Reader”, mais especificamente na página 141, relata-se como apesar do fim da ocupação ter ocorrido formalmente após a Proclamação da República (1902), as tropas estadunidenses estiveram em Cuba em muitas ocasiões entre 1902-1934: ocuparam o país entre 1906-1909, em 1912, entre 1917-1920. Durante a abortada Revolução de 1933, navios de guerra estadunidenses rodearam a ilha, intimidando a fraca coalizão nacionalista que tomou o poder brevemente.

⁷ “Que o governo de Cuba permita que os Estados Unidos exerçam o direito de intervir no sentido de preservar a independência cubana, manter a formação de um governo adequado para a proteção da vida, a propriedade, a liberdade individual. Que, a fim de auxiliar os Estados Unidos a sustentar a independência cubana, e para proteger a população dali, tão bem como para a sua própria defesa, o governo de Cuba deverá vender ou alugar terras aos Estados Unidos, necessárias para extração de carvão para linhas férreas ou bases navais em certos locais especificados de acordo com o Presidente dos Estados Unidos” (MORRIS, 1956, p. 182-3).

Como já foi apresentado anteriormente, o processo revolucionário que derrubou o regime de Fulgencio Batista, retoma a trajetória dos movimentos independentistas. Nesse sentido, ainda é importante destacar que o caráter nacionalista do M-26-7 estava fortemente vinculando à luta por justiça social. Em plena guerra fria, fazia parte de um contexto mais amplo em que pipocavam movimentos de resistência contra ditaduras que serviam aos interesses estadunidenses na região e lutavam por uma sociedade justa, e, portanto, igualitária. A tabela abaixo auxilia no entendimento de qual era a situação social de Cuba pré-revolucionária:

Tabela 1 – Porcentagens de emprego e de alfabetização em Cuba dos anos 50

	Urbana	Rural	Nacional	
	1953	1953	1953	1956-1957
População	57	43	100	100
Desempregados	9,7	6,6	8,4	16,4
Subempregados	17,1	16,5	16,9	13,8
Empregados	71	64,3	68,4	65,3
Analfabetismo	11,6	41,7	23,6	–

Fonte: Marifeli (1999, tabelas 1.1 e 1.2), com base em relatórios do governo cubano da época.

Em 26 de julho de 1953, Fidel lidera uma tentativa de assalto ao quartel militar Moncada⁸, sendo seu objetivo se apoderar de alguns milhares de armas⁹ que seriam úteis no processo insurrecional que Castro desejava desencadear contra o regime ditatorial de Batista. O coronel Fulgencio Batista havia sido chefe das Forças Armadas de Cuba desde 1934, e ocupou a presidência em dois momentos: após ser eleito, em 1940, e por meio de um golpe, em 1952. Após este último, Batista suspendeu a Constituição e criou um novo Tribunal Constitucional inteiramente nomeado por ele. No passado, viveu nos EUA por oito anos, período em que foi preparado para atuar como fiador dos interesses estadunidenses no país. Batista também era empresário, sendo, em 1958, acionista de 65 empresas nos ramos de turismo, construção civil,

⁸ Importante mencionar que, para além do ataque ao Moncada, foram enviados quarenta homens para tomar o quartel de Bayamo, visando combater um provável avanço inimigo vindo de Holguín, ao norte de Bayamo (CASTRO, 2006, p. 118).

⁹ Fidel (2006, p. 123) afirmou que o arsenal do Moncada era riquíssimo: Springfield de cinco balas, Garand e M-1 semiautomáticos, metralhadoras de mão Thompson, fuzis automáticos e metralhadoras com tripé calibre 30.06 e calibre 50, morteiros, e outros mais.

agropecuária, meios de comunicação, bancos, transportes e serviços metropolitanos. Até hoje, é um personagem com alta rejeição na ilha, reconhecido por ser antinacional e corrupto.

No tocante ao caráter de seu pensamento político naquele momento, Fidel (2006, p. 42) afirma que embora seu primeiro pensamento político tenha sido martiano; quando houve o assalto ao Moncada, já havia lido o suficiente sobre o socialismo, tinha um pensamento martiano desenvolvido e, além disso, ideias socialistas radicais. De acordo com Fidel (2006, p. 123), haviam 120 homens participando do assalto ao Moncada, todos armados e uniformizados como sargentos do Exército de Batista. Fidel (2006, p. 117) esperava que as forças inimigas levassem horas até se recuperar do caos e da confusão que se instalaria em suas alas após o ataque, fornecendo o tempo necessário para os passos seguintes. Contudo, o plano não bem-sucedido. Luis Fernando Ayerbe escreveu a esse respeito:

“A ação não teve sucesso. O confronto armado se deu antes do planejado, precipitado pelo aparecimento inesperado de uma patrulha do Exército que vinha na direção dos carros que se postavam diante do quartel e que aguardavam a abertura das portas por parte do grupo responsável por dominar os guardas. Um dos combatentes abriu fogo contra um soldado que apareceu na janela e desencadeou o tiroteio num momento em que o grupo de ataque se encontrava em posições vulneráveis ao alcance do fogo inimigo”
(AYERBE, 2004, p. 30).

Acerca do saldo da operação, ele prossegue: “O número de baixas entre os insurgentes chegou a noventa, a maioria assassinada após o combate. As principais lideranças, entre elas Fidel Castro e seu irmão, Raúl, foram encarcerados.” Por ser advogado, Fidel assume sua própria defesa em 21 de setembro de 1953. Nasce daí um dos mais importantes documentos políticos da História de Cuba: *A história me absolverá* (Castro, 1986). O documento expõe seu programa político e revolucionário, Ayerbe escreveu sobre:

“Para transformar a situação dos setores populares, o programa de Moncada propunha um conjunto de cinco leis revolucionárias. A primeira reconhecia a Constituição de 1940 como lei fundamental do Estado. A segunda lei atribuía terras a camponeses que ocupassem pequenas parcelas, até um total de cinco caballerías (13.430 metros quadrados). A terceira dava o direito aos trabalhadores assalariados de participar em 30% dos lucros das grandes empresas industriais, extrativas e comerciais. A quarta concedia a todos os colonos 55% de participação nos lucros da cana-de-açúcar e uma cota mínima de quarenta mil arrobas àqueles que estivessem

estabelecidos por um mínimo de três anos. A quinta lei confiscava todos os bens obtidos a partir da malversação dos recursos públicos, atingindo todos os governos”
(AYERBE, 2004, p. 31).

Castro foi condenado a quinze anos de prisão, contudo Ayerbe (2004, p. 34) conta que o encarceramento dos envolvidos no assalto ao Moncada foram sucedidos por uma mobilização expressiva em favor da anistia, alcançada em 15 de maio de 1955. Pouco tempo após conquistar sua liberdade, Castro parte para o México, onde se estabelece por pouco mais de um ano, dedicando-se a organizar um grupo de combatentes com o objetivo de retornar a Cuba. Fidel (2006, p. 143) revelou que mesmo quando atacaram o Moncada já havia a ideia de ir para as montanhas caso a investida não vingasse. Ele declarou a respeito:

“Durante essas semanas, depois da nossa saída da prisão, havíamos desenvolvido uma intensa campanha de divulgação de nossas ideias e propósitos. Havíamos estruturado nossa própria organização revolucionária - o Movimento 26 de Julho - e havíamos demonstrado a impossibilidade de prosseguir a luta por vias abertas e legais. Por isso fomos para o México com a intenção de preparar de fora a etapa seguinte da luta” (CASTRO, 2006, p.162).

Poucos dias depois da chegada de Castro ao México, em 7 de julho, ele foi apresentado a Ernesto Guevara que se alistou rapidamente ao grupo. Anderson (2012, p. 219) relata que o plano parecia estar progredindo muito bem, quando, em 20 de junho, Fidel e dois companheiros foram presos em uma rua do centro da Cidade do México. Ele prossegue: “Em poucos dias, praticamente todos os membros do Movimento que estavam na cidade foram detidos. Casas de apoio foram vasculhadas e documentos e armas escondidas apreendidos.” Apesar de todos os vazamentos da polícia e das manchetes sensacionalistas a respeito de sua conspiração revolucionária, eles ainda estavam detidos oficialmente, apenas sob a acusação de terem violado as leis de imigração do México (ANDERSON, 2012, p.222). Fidel foi libertado antes de Che, que foi solto sob a condição de que deixasse o México dentro de poucos dias. Houve, então, um período de clandestinidade que durou alguns meses até que os preparativos para a partida estivessem organizados. Além do constante deslocamento dos homens para a vigilância, Fidel buscava fortalecer alianças políticas, angariar fundos e procurava uma embarcação para realizar a viagem até Cuba¹⁰. Até que no fim de setembro, Castro encontrou o que precisava. A esse respeito, Anderson (2012, p. 229-230) escreveu sobre a compra do *Granma*, um iate a

¹⁰ Este período pode ser conhecido em detalhes na seção 13 da obra de Jon Lee Anderson “Che Guevara: Uma Biografia”.

motor de 12 metros, desgastado: o iate não estava em condições de navegabilidade, nem era grande o bastante para as suas necessidades, mas Fidel estava desesperado e efetuou a compra. A embarcação passou por uma reforma até que, finalmente, na madrugada do dia 25 de novembro, abarrotado com 88 homens e uma pilha de armas e equipamento, o *Granma* partiu rumo à Cuba.

2.3. A GUERRILHA E A CONQUISTA DO PODER

O desembarque aconteceu em 2 de dezembro de 1956. Anderson escreveu a esse respeito:

“A viagem do Granma pelo revolto Golfo do México e pelo Caribe fora um completo desastre. Em vez dos cinco dias previstos, levou sete. Em seguida, debilitados pelo enjoo, os rebeldes desembarcaram no lugar errado da costa cubana. Sua chegada deveria coincidir com o levante em Santiago, liderado por Frank País, e com um comitê de recepção à sua espera junto do farol de Cabo Cruz com caminhões e cem homens. As duas forças unidas deveriam primeiro atacar a cidadezinha próxima de Niquero, depois a cidade de Manzanillo, antes de escapar para a Sierra Maestra. No entanto, o levante em Santiago eclodira enquanto estavam no mar e qualquer elemento surpresa se perdera irremediavelmente. Batista mandaram rapidamente reforços para a província de Orienta e despachara patrulhas navais e aéreas para interceptar o grupo de desembarque de Fidel” (ANDERSON, 2012, p. 238).

Alguns dias depois, em Alegría de Pío, foram surpreendidos por uma emboscada do Exército. Fidel (2006, p. 173) define essa situação como a mais dramática que já viveu. Ele fez o seguinte relato:

“Ao entardecer, pequenos aviões inimigos começaram a explorar a área. Lá pelas quatro horas, aviões de caça faziam voos rasantes sobre a mata. Por volta das cinco, ouvimos os primeiros disparos e, segundos depois, fogo cerrado de infantaria sobre nós, que estávamos desconcentrados por causa do ruído ensurcedor dos caças em voo rasante. Fomos surpreendidos. Dispersão total. Fiquei apenas com outros dois companheiros no canavial, perto do local de onde uma parte do pessoal se retirou ou atravessou. Cada homem ou pequeno grupo viveu sua própria odisseia. Ficamos os três escondidos no meio do canavial, esperamos a noite, que já estava próxima, e nos dirigimos para a área de floresta maior. Ali dormimos como foi possível. Total de forças, três homens; total de armas, meu fuzil com noventa balas e o de Universo com trinta. Era o que restava sob meu comando” (CASTRO, 2006, p. 171-172).

Castro (2006, p. 172) prossegue alegando não ser difícil imaginar como se sentiu mal depois de ter visto se desfazer em questão de minutos o esforço realizado durante quase dois anos. Contudo, apesar do desembarque trágico e das baixas, Fidel (2006, p. 173) não desanimou. Ele prossegue dizendo que começaram a se reorganizar dias depois: Raúl chegou com mais cinco fuzis; Fidel tinha mais duas armas. No total, possuíam sete fuzis naquele momento. Castro (2006, p. 173) relata, então, ter dito para seu irmão: “Agora sim, ganhamos a guerra”. Nessa época, Fidel (2006, p. 174) conta que já eram ajudados pelos camponeses que haviam recolhido alguns fuzis dos companheiros assassinados ou haviam guardado armas, reunindo dezessete armas de guerra, com as quais obtiveram sua primeira vitória: o pequeno e simbólico combate vitorioso de 17 de janeiro de 1957¹¹. Tem início, então, um longo período marcado por vitórias e derrotas, sendo algumas datas importantes o ataque rebelde à guarnição do Exército em El Uvero em 28 de maio de 1957, bem como a chegada da coluna do Exército Rebelde liderada por Che às Escambray em 16 de outubro de 1958, tendo alguns meses depois iniciado a batalha de Santa Clara.

Quando, finalmente, foi derrotada a última ofensiva de Batista, já com novecentos homens armados, os rebeldes tomaram quase todo o país. Nas palavras de Fidel (2006, p. 183): as colunas avançavam em todas as direções sobre o território nacional sem que nada nem ninguém pudesse detê-las. Até que no dia primeiro de janeiro de 1959, Batista foge de Cuba e Santa Clara é rendida. No dia 2 de janeiro de 1959, Che e Camilo avançam sobre Havana. Quando Che chega à cidade, ocupa a fortaleza de La Cabaña, onde, como Promotor Supremo, supervisionará inúmeros julgamentos e execuções. Fidel chega a Havana no dia 8 de janeiro de 1959 e torna-se primeiro-ministro em 16 de janeiro de 1959. Posteriormente, foi eleito presidente do Conselho de Estado. O ditador Fulgencio Batista foi derrubado exatamente cinco anos, cinco meses e cinco dias depois do ataque ao Moncada, em 26 de julho de 1953.

2.4. CONTRARREVOLUÇÃO

Fidel (2006, p. 240) contou acerca das conspirações que começaram imediatamente após o triunfo da revolução:

“Nosso país foi objeto da mais longa guerra econômica da História, e de uma incessante e feroz campanha de terrorismo que já dura mais de 45 anos. Começaram a enviar aviões que bombardeavam as plantações de cana-de-

¹¹ Ataque ao quartel do Exército de La Plata.

açúcar com materiais inflamáveis... Sequestravam nossos aviões e os levavam para os Estados Unidos, onde muitos eram destruídos. Os donos dos jornais, como fazem hoje na Venezuela contra Chávez, alentavam os ataques contra a Revolução. (...) Era parte de uma guerra: ataques piratas às nossas costas, a nossos barcos pesqueiros, aos transportes que vinham para Cuba. Mataram diplomatas, mataram companheiros, até nas Nações Unidas... Traziam dinamite dos Estados Unidos - até fósforo vivo -, e a colocavam em maços de cigarros, acendiam em um teatro, em uma loja, provocavam mortes, incêndios, problemas sérios... Desde os primeiros anos do triunfo da Revolução, em toda a extensão do território nacional foram também disseminados grupos armados que assassinaram camponeses, operários, professores e alfabetizadores; queimaram casas e destruíram centros agrícolas e industriais. Nossos portos, navios mercantes e pesqueiros foram alvo de constantes ataques” (CASTRO, 2006, p. 240-241).

Ele menciona, então, a explosão do *La Coubre* em um cais de Havana em 1960 (deixando mais de cem mortos e centenas de feridos); a explosão de uma refinaria em março de 1961 e o incêndio na loja de departamento *El Encanto e La Habana* em 13 de abril. Contudo, Fidel (2006, p. 241) ressalta, o mais repugnante foi o atentado de Barbados, em 6 de outubro de 1976, contra um avião comercial cubano em pleno voo. Este estava repleto de passageiros e foi parar no fundo do mar, a centenas de metros de profundidade, levando consigo 73 vidas. Furiati (2016, p. 436) conta que Fidel buscava se manter informado por meio de agentes infiltrados na CIA. Enquanto isso, a autora prossegue, Raúl viajava aos países do Leste Europeu para tratar do fornecimento de armamento pesado, incluindo aviões Migs. Pilotos cubanos foram até Praga receber treinamento. Armas foram enviadas em aviões e barcos camuflados, primeiro da Checoslováquia, depois da URSS, em grande quantidade, entre ligeiras, de artilharia e morteiros, tanques, canhões autopropulsados, antitanques, baterias antiaéreas e fuzis de todo tipo. Furiati (2016, p. 436) relata que Fidel supervisionava o treinamento das milícias em vários pontos da ilha, a toque de caixa, trocando impressões com assessores militares checos e soviéticos recém-chegados.

Em abril de 1961, as Forças Armadas Revolucionárias e as Milícias esmagaram uma invasão pela praia Girón em menos de 72 horas. Fidel (2006, p. 248) relata que a expedição contava uns 1500 mercenários treinados pela CIA, divididos em sete batalhões de duzentos homens cada um e distribuídos em cinco embarcações. Castro (2006, p. 251) pontua que ali estava

muito presente a atitude de classe. Os oficiais e principais chefes eram quase todos soldados do exército de Batista, oficiais do exército de Batista, e muitos filhos de latifundiários. Oficiais da CIA, Furiati (2016, p. 440) registra, supervisionavam a invasão a distância. Estes foram derrotados depois de uma batalha encarniçada onde, Fidel conta (2006, p. 247) os revolucionários fizeram 1200 prisioneiros. Furiati (2016, p. 442) relata que Fidel requisitou uma indenização ao governo estadunidense por perdas e danos, em troca da liberdade dos prisioneiros de guerra. Em dezembro chegou à Havana a indenização: contêineres de conservas de alimentos e remédios para crianças, avaliados em 54 milhões de dólares.

Os Estados Unidos, então, determinaram um bloqueio econômico contra Cuba que dura até os dias atuais. As sanções econômicas aparecem aqui em um quadro mais amplo de mecanismos desestabilizadores, que visam semear crise, disseminar o caos e criar as condições para a contrarrevolução. Por reduzirem as receitas de exportação e, portanto, as receitas do governo, as sanções restringem importações de bens essenciais. Segundo o Conselho de Direitos Humanos da ONU: “o uso de sanções econômicas para fins políticos viola os direitos humanos e as normas de comportamento internacional. Essas ações podem precipitar catástrofes humanitárias causadas pelo homem de proporções sem precedentes. Mudança de regime por meio de medidas econômicas que possam levar à negação dos direitos humanos básicos e, na verdade, possivelmente à fome, nunca foi uma prática aceita nas relações internacionais.”¹²

As sanções ainda se inserem na definição de punição coletiva da população civil, conforme descrito pelo Convenções de Genebra (Artigo 33) e de Haia, das quais os EUA são signatários. Apesar desses tratados se aplicarem somente em tempos de guerra, especialistas em direitos humanos da ONU defendem que não faz sentido que os civis possuam essa proteção apenas no decorrer de situações de conflito armado.¹³ Diversos estudiosos do direito também defendem que sanções econômicas como estas violam o direito internacional.¹⁴

¹² ANUDH, 2019.

¹³ Veja, por exemplo, Gabinete do Alto Comissário para os Direitos Humanos (Direitos Humanos da ONU) (2018).

¹⁴ Veja, por exemplo., Happold e Eden, eds. (2016) e Shagabutdinova e Berejikian (2007).

3. AS CONDIÇÕES FUNDAMENTAIS DO ÊXITO REVOLUCIONÁRIO

Neste capítulo serão abordadas as condições fundamentais do êxito do movimento revolucionário, sendo estas: I) a disciplina no Movimento 26 de Julho – embrião do que viria a ser o Partido Comunista de Cuba (PCC) – relacionada à consciência da vanguarda proletária e sua capacidade de se ligar com as massas trabalhadoras; II) o apoio da massa da classe trabalhadora; III) a instauração da ditadura do proletariado, ou seja, da guerra mais severa e implacável da nova classe contra um inimigo mais poderoso, a burguesia, cuja resistência está decuplicada em virtude de sua derrota (mesmo que em apenas um país) (LÊNIN, 2014); IV) a

implementação da direção política correta pela vanguarda, ou seja, o uso de estratégia e táticas políticas acertadas, tendo as mais amplas massas se convencido destas por experiência própria (LÊNIN, 2014). Esta última diretamente relacionada, por exemplo, ao sucesso do país – pequeno e pobre em termos capitalistas – em eliminar algumas das mais graves pragas que assolam a humanidade: o analfabetismo, a fome, a miséria.

3.1. A DISCIPLINA NO M-26-7

Como exposto anteriormente, esta seção trata da disciplina no Movimento 26 de Julho, disciplina esta que está diretamente relacionada com a consciência da vanguarda e sua capacidade de se ligar com as massas trabalhadoras. Evidente que nenhum dirigente, por mais íntegro e capaz que seja, pode substituir o coletivo como sujeito transformador da história. Nesse sentido, a qualidade dos dirigentes aparece aqui como um dos fatores primordiais que podem influenciar significativamente o êxito ou o fracasso do movimento revolucionário. Verdadeiramente, o próprio Fidel (2016, p. 240) afirma que quanto mais conhecia os vícios do capitalismo, mais se convenciu de que a importância do exemplo, as ideias e a consciência foram fatores fundamentais na preservação da Revolução. Florestan (2007, p. 88) escreveu a esse respeito:

“Se se observa com cuidado a atividade dos principais líderes da revolução cubana e os vários aspectos centrais da situação revolucionária de que ela nasceu, o que sobe à tona e se impõe sobre tudo o mais são palavras simples, como compaixão, humildade, integridade, fraternidade, repulsa, trabalho, prudência, tenacidade, paciência, abnegação, ousadia, cavalheirismo. Eles não eram “revolucionários profissionais”, mas “amantes da revolução” por necessidade, que foram socializados politicamente graças e através dos embates com a situação revolucionária”.

Fidel (2016, p. 98) conta que era simpatizante do Partido Ortodoxo nos seus primeiros anos de universidade, porém passou por um processo de radicalização em sua formação de consciência política ao saber cada vez mais sobre Marx e Lenin. Heredia (2006, p. 539) relata que Fidel foi um dos expedicionários de Cayo Confites, na tentativa de libertar o povo da República Dominicana da tirania de Rafael Leónidas Trujillo (1946), bem como tomou parte no motim popular de Bogotá pelo assassinato de Jorge Eliécer Gaitán (1948). Gabriel García Márquez (2012, p. 76) escreveu a seu respeito:

Quando (Fidel) fala com as pessoas na rua, a conversação ganha a expressividade e a franqueza crua dos afetos reais. Elas o chamam: Fidel.

Rodeiam-no sem riscos, tratam-no com intimidade, discutem com ele, contradizem o que diz (...). Este é o Fidel que creio conhecer: um homem de costumes austeros e ilusões insaciáveis, com uma educação formal à antiga, de palavras cautelosas e modos discretos, incapaz de conceber qualquer ideia que não seja descomunal. Sonha com o dia em que seus cientistas encontrem a medicação final contra o câncer e criou uma política externa de potência mundial, em uma ilha 84 vezes menor que seu inimigo principal. Tem a convicção de que a maior conquista do ser humano é a boa formação de sua consciência e que os estímulos morais (...) são capazes de mudar o mundo e empurrar a história” (MÁRQUEZ, 2012, p. 76-77)¹⁵

Theotônio dos Santos deu um testemunho acerca de um episódio que viveu em Havana nos anos oitenta, quando um carregador de malas no aeroporto insistia em provar que Fidel era o maior líder da história: “Citava Lênin, Stálin, vários outros que conhecia e havia estudado. Fidel ganhava de todos, por seu profundo contato com o povo, pela dimensão do que representava uma pequena ilha como Cuba, ao desafiar o maior poder do mundo.”¹⁶ Theotônio ainda observa que conheceu muitos líderes políticos de orientações variadas, porém não percebeu em nenhum destes a profundidade intelectual e a dimensão humana de Castro. Ele destaca sua atuação como chefe de Estado que admitia o debate amplo com os que divergiam de seus pontos de vista, bem como afirma que “se é verdade que quando começa a falar é muito difícil fazê-lo calar-se, também escuta, anota, responde exatamente o que lhe é perguntado.” Nesse sentido, ele continua: “(...) quantas vezes ele mesmo assumiu a autocrítica, como no fracasso da colheita das 10 milhões de toneladas de açúcar, em 1970. Era magnífico vê-lo diante de mais de um milhão de cubanos na praça pública assumindo todas as responsabilidades pelo fracasso e, em seguida, colocar seu cargo à disposição de seu povo. Nunca vi nada similar em meus 50 e tantos anos de experiência política.”

O jornalista Ignacio Ramonet, que conviveu com Fidel em diversos períodos, entre 2004 e 2006, testemunhou que este viva com extraordinária modéstia.¹⁷ Ramonet conta que ele comia o que comiam seus guarda-costas, vivendo em uma austeridade de monge soldado, comendo

¹⁵ Márquez, Gabriel García. El Fidel que yo conosco. Voltairenet, 09/08/2006.

¹⁶ Santos, Theotônio dos. O carregador de malas de Havana. Agência Adital, 08/08/2006.

¹⁷ Cubainformación. Ignacio Ramonet: “Fidel Castro es muy tímido”, 30/10/2007.

normalmente na cozinha. Em suas palavras: “O que impressiona é ver que evidentemente tem uma grande exigência ética e seu comportamento pessoal está de acordo com essa linha ética.”

A respeito de Che Guevara, Fidel (2016, p. 178) conta que este foi o primeiro a ser nomeado comandante, sendo um dos destaques do grupo junto com Camilo Cienfuegos. Fidel (2016, p. 282) lembra de Che carinhosamente como um dos homens mais nobres, mais ¹⁸extraordinários e desprezados que já conheceu. Sobre sua biografia, este declarou:

É conhecida a trajetória de Che quando estava estudando na Argentina, suas viagens em motocicleta pelo interior do seu país, em seguida a vários países latino-americanos, à Bolívia e outros lugares. Não podemos esquecer que, na Bolívia, em 1952, depois do golpe de Estado militar de 1951, um forte movimento de operários e camponeses, que iniciou a batalha ali e teve muita influência. É conhecida também sua trajetória, já quase formado médico, com seu amigo Alberto Granado, em que visitaram diferentes hospitais e foram parar num leprosário lá pelo Amazonas, trabalhando como médicos. Na época, ele visitou todos os lugares da América Latina; esteve nas minas de cobre de Chuquicamata, no Chile; atravessou o deserto de Atacama; visitou as ruínas de Machu Picchu no Peru; em outra viagem navegou pelo lago Titicaca, conhecendo os indígenas e se interessando muito por eles. Esteve também na Colômbia, na Venezuela. Tinha muito interesse por todos aqueles temas. Desde sua época de estudante, também se interessara pelo marxismo e pelo leninismo. Dali, sabemos que ele se transferiu para a Guatemala, na época de Arbenz” (CASTRO, 2016, p. 161).

Castro (2012, p. 163) apontou as experiências vividas por Guevara – suas viagens pela América Latina, ter visto o que aconteceu na Guatemala, ter sido testemunha da intervenção estadunidense – como fundamentais na adesão de Che ao grupo. Em suas palavras: “Só quem viveu como ele toda aquela experiência, com aquela vocação revolucionária, com aquele espírito de luta, com seu profundo desprezo pelo imperialismo, que sabia o que fizemos e o que estávamos planejando, e quais eram as nossas ideias, poderia estar totalmente de acordo.” Fidel (2012, p. 179) define o argentino como um exemplo, alguém que tinha muito moral e ascendência sobre a tropa, um modelo de revolucionário. Quando ainda estava preso no

México, ao ser questionado por sua mãe acerca dos motivos que o levaram a se envolver com Castro, Che escreveu:

“Não sou Cristo ou um filantropo ou uma velha senhora, sou totalmente o oposto de um Cristo. Luto pelas coisas em que acredito, com todas as armas ao meu dispor e tento deixar o outro homem morto de modo que eu não seja pregado em uma cruz ou em algum outro lugar (...). O que realmente me aterroriza é a sua falta de compreensão de tudo isso e seus conselhos sobre moderação, egoísmo etc. (...), ou seja, todas as mais execráveis características que um ser humano pode ter. Não só eu não sou um moderado como tentarei jamais sê-lo (...). Quanto ao seu apelo para moderar o meu interesse próprio, isto é, um individualismo desenfreado e amedrontador (...) devo lhe dizer que fiz muito para eliminar isso (...).” (GUEVARA, 2012, p. 224).

Ele continua:

“Nesses dias de prisão e nos anteriores, de treinamento, identifiquei-me por completo com meus camaradas da causa (...). A noção do ‘eu’ desapareceu inteiramente, para dar lugar à noção do ‘nós’. Era um ponto da moral comunista e, naturalmente, pode parecer um exagero doutrinário, porém realmente foi (e é) maravilhoso ser capaz de sentir a remoção do ‘eu’. É um grande erro de sua parte achar que é pela moderação ou pelo interesse próprio moderado que as grandes invenções ou as obras-primas artísticas foram realizadas. Para todas as grandes tarefas precisa-se de paixão, e para a revolução, a paixão e a audácia são necessárias em grandes doses, coisas que possuímos como um grupo humano” (GUEVARA, 2012, p. 224).

Nos trechos destacados anteriormente é possível observar a firmeza, fidelidade à revolução, espírito de sacrifício e heroísmo de Guevara. Fidel (2012, p. 281) fala sobre Che como “uma força moral indestrutível” e diz que a grande lição deixada por ele foram “(...) os valores morais, a consciência. Che simbolizava os mais altos valores humanos, um exemplo extraordinário. Ele tinha em torno de si um grande brilho e uma grande mística. Eu o admirava e apreciava muito.” Fidel (2012, p. 163) conta que Ernesto ainda era visto como alguém que tinha a simpatia de todos: “Era dessas pessoas por quem todos sentem afeto imediatamente, por sua naturalidade, sua simplicidade, sua originalidade e por todas as suas virtudes.”

Deivy Pérez, secretário do Comitê Provincial do PCC em Sancti Spíritus, chama atenção para o papel unificador de Camilo Cienfuegos, que soube guiar as forças guerrilheiras que atuavam na região e conduziu uma admirável campanha, tanto do ponto de vista militar como político.¹⁹ O Herói de Yaguajay e o Senhor da Vanguarda, eram alguns dos apelidos pelos quais era chamado o alfaiate que entrou para a história como um dos dirigentes mais carismáticos da Revolução. A respeito do papel do Exército Rebelde, Camilo acreditava:

*“Todos nós que fomos à guerra, sabemos que a Pátria precisa de nossos esforços e de nossos braços. Se na guerra empunhamos os fuzis, hoje estamos dispostos a pegar as enxadas para semear a terra, para que esta nossa terra produza o que precisamos; para que Cuba cresça, para que Cuba floresça, para que a reforma agrária seja um exemplo para os demais países irmãos, para sair da miséria em que vivemos durante mais de 50 anos.”*²⁰

Fidel (2012, p. 179) conta, não era intelectualizado como Che, mas era muito corajoso, um chefe eminente, muito audaz, muito humano. Ele ainda relata que os dois se estimavam muito: Camilo estava na tropa de Che, fez incursões na planície e estabeleceu uma frente lá, destacando-se muito. Guevara lembra sobre o amigo:

*“O que nos atraiu mais em Camilo, foi o que também chamou a atenção de todo o povo de Cuba: seu jeito de ser, seu caráter, sua alegria, sua franqueza, sua disposição em todo momento, em oferecer sua vida, em enfrentar os maiores perigos com muita naturalidade e total simplicidade. Sem se gabar nem um pouco de seus valores e sua sabedoria. Sempre sendo o companheiro de todos, quando a guerra acabou, ele era indiscutivelmente o mais brilhante de todos os guerrilheiros.”*²¹

Camilo teve sua vida foi interrompida no dia 12 de novembro de 1959, apenas nove meses após a vitória do M-26-7. Uma tempestade fez com que o avião em que ele viajava alterasse sua rota, contudo aponta-se que o desvio imprevisto acabou com o combustível do avião, que caiu no mar. Recebeu muitas homenagens: desde a Universidade Camilo Cienfuegos, na província de Matanzas; passando por escolas militares – em que os alunos são carinhosamente

¹⁹ Camilo Cienfuegos, o guerrilheiro de sorriso sincero nascido em 6 de fevereiro. Brasil de Fato, 06/02/2017.

²⁰ Camilo Cienfuegos, o guerrilheiro de sorriso sincero nascido em 6 de fevereiro. Brasil de Fato, 06/02/2017.

²¹ Camilo Cienfuegos, o guerrilheiro de sorriso sincero nascido em 6 de fevereiro. Brasil de Fato, 06/02/2017.

chamados de “Camilitos” –, até ter seu rosto estampado na nota de 20 pesos cubanos. Fora da ilha, também foram feitas homenagens ao líder cubano, como nomes de turmas e cursos de formação política, e até um grupo musical argentino, chamado Cienfuegos. Ainda na música, as bandas *Carpe Diem* e *Tercer Modulo Ska* fizeram canções que levam o nome de Cienfuegos.²²

Por fim, trataremos de Raúl Castro. Um olhar mais atento para sua biografia permite perceber como este cumpriu importante papel na história do Movimento, não se restringiu a estar à sombra de seu irmão, Fidel. Fidel (2016, p. 114) conta que Raúl fez parte das Juventudes Socialistas, a juventude do Partido Comunista. Ele prossegue: Raúl já era de esquerda, contudo, foi o próprio Fidel quem o introduziu nas ideias marxistas-leninistas. Em fevereiro de 1958, depois de mais de um ano na linha de frente, Raúl foi nomeado comandante. Sua primeira grande incumbência data deste mesmo ano, quando é encarregado por Fidel de abrir uma segunda frente de batalha no nordeste de Sierra Maestra. A coluna de guerrilheiros nº 6, batizada de Segunda Frente “Frank País”, é responsável, sob o comando de Raúl, pela libertação de um amplo território ao nordeste de Sierra Maestra. Jon Lee Anderson (2012, p. 365) conta que a influência comunista era a característica principal da Segunda Frente comandada por Raúl. Nesse período, foi organizado um Congresso Camponês, bem como a formação de uma escola para instrutores de tropa administrada pelos comunistas, tendo inclusive aulas de orientação política marxista. O autor relata que, de fato, a frente de Raúl foi o campo de germinação de muitos dos futuros funcionários do Partido Comunista de Cuba. Embora não fosse formalmente membro do Partido desde sua expulsão da Juventude Socialista em função do papel que desempenhara no ataque ao Moncada, em acordo com Fidel, Raúl passa a cimentar esse vínculo.

Teve papel de destaque na elaboração de pilares revolucionários dos mais relevantes: o Partido Comunista e as Forças Armadas Revolucionárias (FAR). Após o triunfo da revolução, Raúl se torna dirigente das FAR, posto que ocupou até assumir a presidência no lugar de Fidel em 2008. Como dirigente das FAR, esteve à frente de um posto-chave em um período histórico em que o país deu apoio a muitas guerrilhas, como no caso da Etiópia (1977-1978) e de Angola (1975-1991). Em 1976 foi promovido a General do Exército. Neste mesmo ano, foi adotada uma nova Constituição, sendo Raúl eleito vice-presidente de Cuba, posto ao qual seria reeleito posteriormente. Devido ao quadro de saúde deteriorado de Fidel, ele assumiu a presidência

²² Camilo Cienfuegos, o guerrilheiro de sorriso sincero nascido em 6 de fevereiro. Brasil de Fato, 06/02/2017.

interinamente em 31 de julho de 2006. “Fidel é insubstituível, a menos que o substituamos todos juntos”, afirmou ao assumir o cargo.²³ Em 24 de fevereiro de 2008, tornou-se presidente de Cuba. Deixou o cargo em 2018, sendo sucedido por Miguel Díaz-Canel.

3.2. O APOIO DA MASSA DA CLASSE TRABALHADORA

Vânia Bambirra (1975, p. 94-95) defende que uma das condições indispensáveis para o triunfo do movimento foi justamente o apoio recebido por parte de setores populares desde os dias que se seguiram ao desembarque do *Granma*. Ela menciona, então, os relatos de Che Guevara acerca do acolhimento que os rebeldes receberam desde os primeiros dias, na Sierra Maestra. Ernesto (1967, p. 263) afirma que todos sentiram o carinho sem reticências dos camponeses, que os ajudaram por meio de uma larga cadeia clandestina. Ele conta, então, que esse apoio se traduziu no recrutamento de combatentes: camponeses que chegavam, por vezes desarmados, por vezes trazendo armas que os rebeldes haviam abandonado em casas amigas ou canaviais, no ato da fuga.

Jon Lee Anderson (2012, p. 281) relata como a adesão dos camponeses ao sistema de suprimento dos rebeldes foi responsável por gerar seu funcionamento eficaz. Anderson (2012, p. 278) ainda conta como desde o período de sua recomposição, o Exército Rebelde dependia amplamente da rede de apoio dos camponeses para conseguir comida simplesmente para passar de um dia para o outro. Os camponeses reservavam parte de suas futuras colheitas, ainda que sua dieta consistisse muitas vezes em bananas-d'água, aipim e *malanga*, um tubérculo arroxado. Outras vezes, os rebeldes tinham mais sorte, Faustino Pérez escreveu sobre um episódio em que ao baterem na porta de um camponês buscando por comida, ouviram: “Sim, vocês são dos nossos! Da gente de Fidel Castro.” Logo, toda a vizinhança havia se mobilizado e apareceram com as mãos cheias: frango assado, bananas fritas, aipim com molho, fruta e leite.²⁴

Os rebeldes, claro, também foram responsáveis por um programa de ações que melhorou as condições de vida dos habitantes da serra. Anderson (2012, p. 279) revela que Che, por exemplo, era responsável por dar consultas médicas gratuitas aos habitantes da serra, sendo os casos clínicos mais ou menos os mesmos: mulheres desdentadas e prematuramente envelhecidas, crianças com barrigas distendidas, parasitismo, raquitismo, deficiência geral de vitaminas. Culpando o excesso de trabalho e as dietas pobres dos camponeses, Che escreveu:

²³ Raúl Castro: a trajetória do 'discreto e implacável' guerrilheiro cubano. Opera Mundi, 19/04/2018.

²⁴ Pérez, Faustino. Yo vine em el Granma. La Sierra y el Llano, op. cit., p. 81.

“Começamos a sentir na própria pele a necessidade de uma mudança definitiva na vida dessa gente. A ideia da reforma agrária ficou clara e a união com o povo deixou de ser uma teoria e se converteu em uma parte fundamental do nosso ser.”

Para Che (2012, p. 327): “Os guerrilheiros e os camponeses começaram a se fundir em uma única massa, sem que pudéssemos dizer em que momento exato na longa estrada revolucionária isso aconteceu, nem em que momento as palavras se tornaram profundamente reais e nos tornamos parte dos camponeses.” Posteriormente, em áreas tomadas pelo Exército Rebelde, desenvolveram-se núcleos rurais com estruturas organizacionais cada vez mais complexas. A Coluna *El desalojo campesino* chefiada por Che na região do vale de *El Hombrito* foi responsável, por exemplo, pela construção de um forno de pão, bem como pelo desenvolvimento de uma pequena hidroelétrica.

A respeito do apoio massivo recebido por parte da população, Fidel (2016, p. 194) questionou: “Você acha que explodindo bombas teríamos conseguido esse apoio? Acha que explodindo bombas, matando soldados, matando civis, teríamos conseguido as armas que conseguimos?” ele afirma, então, que com terrorismo não se ganha nenhuma guerra, mas o que se ganha é a oposição, a inimizade e a rejeição daqueles que você precisa para ganhar a guerra. Em Havana, no discurso para a Primeira Conferência Tricontinental dos Povos da Ásia, África e América Latina em 1966, Amílcar Cabral (2019, p. 120) declarou que uma lição singular na qual parecia estar um dos segredos, se não o segredo, daquilo a que muitos não hesitariam em chamar “o milagre cubano” seria justamente a comunhão, a identificação, o sincronismo, a confiança recíproca e a fidelidade entre as massas populares e os seus dirigentes. Ele declarou:

“Quem assistiu às grandiosas manifestações destes últimos dias e, em particular, ao discurso do Comandante Fidel Castro no ato comemorativo do 7 aniversário, terá medido, como nós, em toda a sua grandeza, o caráter específico - talvez decisivo – deste fator primordial do sucesso da Revolução Cubana. Mobilizando, organizando e educando politicamente o povo, mantendo-o em permanente conhecimento dos problemas nacionais e internacionais que interessam a sua vida, e levando-o a participar na solução desses problemas, a vanguarda da Revolução Cubana, que cedo compreendeu o caráter indispensável da existência dinâmica dum Partido forte e unido, soube não só interpretar justamente as condições objetivas e as exigências específicas do meio, mas também forjar a mais poderosa das armas para a defesa, a segurança e a garantia da continuidade da Revolução: a consciência revolucionária

das massas populares que, como se sabe, não é nem nunca foi espontânea em parte alguma do mundo. Cremos que esta é mais uma lição para todos, mas particularmente para os movimentos de libertação nacional e, em especial para aqueles que pretendem que a sua revolução nacional seja uma Revolução” (CABRAL, 1966, p. 120-121).

A mobilização, organização e educação política aliada ao permanente conhecimento dos problemas nacionais e participação na solução desses problemas por parte do povo que foi mencionada por Cabral é explorada em seus pormenores no capítulo 3 desta pesquisa, uma exposição acerca dos fundamentos da democracia socialista. Por meio deste é possível perceber como o processo revolucionário garantiu o apoio político e a sustentação moral das massas cubanas, sem os quais não teria resistido a todos os ataques que sofreu desde 1959 até os dias de hoje.

3.3. A INSTAURAÇÃO DA DITADURA DO PROLETARIADO

Esta seção trata da instauração da ditadura do proletariado, ou seja, da guerra mais severa e implacável da nova classe contra um inimigo mais poderoso, a burguesia, cuja resistência está decuplicada em virtude de sua derrota (mesmo que em apenas um país) (LÊNIN, 2014, p. 47). Antes de tratar propriamente do conceito de ditadura do proletariado, sendo este considerado por Lênin (2017, p. 46) um dos conceitos mais notáveis e importantes do marxismo em matéria de Estado, é preciso apresentar o conceito de Estado que está em uso nesta pesquisa. “Distinguindo-se da antiga organização gentílica (de tribos ou de clãs), escreve Engels (2019, p. 192), “o Estado caracteriza-se, em primeiro lugar, pelo agrupamento de seus súditos de acordo com uma divisão territorial”. Lênin (2017, p. 31) nos lembra que por mais que essa divisão nos pareça “natural”, exigiu uma longa luta contra a velha organização por *gens* ou tribos. Engels escreveu a esse respeito:

“O segundo traço característico é a instituição de uma força pública, que já não mais se identifica com o povo em armas. A necessidade dessa força pública especial deriva da divisão da sociedade em classes, que impossibilita qualquer organização armada espontânea da população. (...) Essa força pública existe em todo o Estado; é formada não só de homens armados, como, ainda, de acessórios materiais, os cárceres e as instituições coercitivas de todo o gênero, desconhecidos pela sociedade da gens” (ENGELS, 2019, p. 192).

Engels (2019, p. 192-193) observa, então, que esta força pública “se fortalece na medida em que se exacerbam os antagonismos de classe dentro do Estado e na medida em que os Estados contíguos crescem e aumentam de população.” Ele prossegue: “Como o Estado nasceu da necessidade de conter o antagonismo das classes, e como, ao mesmo tempo, nasceu em meio ao conflito delas, é, por regra geral, o Estado da classe mais poderosa, da classe economicamente dominante, classe que, por intermédio dele, se converte também em classe politicamente dominante e adquire novos meios para a repressão e a exploração da classe oprimida” (ENGELS, 2019, p. 193).

Nesse sentido que, da mesma forma que o Estado antigo e feudal foram os órgãos da exploração dos escravos e dos servos: o moderno Estado representativo é o instrumento de que se serve o capital para explorar o trabalho assalariado (ENGELS, 2019, p. 193). Assim, Lênin (2017, p. 36) define a república democrática como o melhor invólucro político possível para o capitalismo, já que o poder está fundamentado de modo tão sólido, tão seguro, que nenhuma substituição na república democrática burguesa, nem de pessoas nem de instituições, tampouco de partidos, abala esse poder. Lênin (2017, p. 46) conta, então, que a ideia de ditadura do proletariado passou a ser usada por Marx e Engels após a Comuna de Paris. Marx e Engels (2010, p. 50 e 57) esboçaram em linhas gerais as fases do desenvolvimento proletário:

“(...) descrevemos a história da guerra civil mais ou menos oculta na sociedade existente, até a hora em que essa guerra explode numa revolução aberta e o proletariado estabelece sua dominação pela derrubada violenta da burguesia. (...) Vimos antes que a primeira fase da revolução operária é a elevação do proletariado a classe dominante, a conquista da democracia. O proletariado usará sua supremacia política para arrancar pouco a pouco todo o capital das mãos da burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado como classe dominante, e para aumentar o mais rapidamente possível o total das forças produtivas.”

Lênin (2017, p. 48) aponta que a doutrina da luta de classes aplicada por Marx à questão do Estado e da revolução socialista conduz necessariamente ao reconhecimento do domínio político do proletariado, de sua ditadura, ou seja, de um poder não-partilhado com ninguém e que se apoia diretamente na força armada das massas. Nesse sentido, Vânia Bambirra (1975, p. 259-260) relata justamente como, em Cuba, os rebeldes contaram com todos os instrumentos

do poder: o controle total sobre o aparelho estatal, um exército rebelde muito mais fortalecido com base na organização de milícias populares, o domínio completo de toda a superestrutura jurídico-político-social, e, finalmente, a posse de parte fundamental da base econômica, agrícola, industrial, comercial e financeira do país. A revolução tinha, pois, todos os instrumentos de poder efetivo sobre a sociedade e podia dispor deles combinando-os e articulando um novo sistema da vida social. Como lembra Florestan:

“Seria tão fácil fazer uma revolução socialista em Cuba? Ora, o socialismo em nenhuma parte brota como uma fatalidade ou um produto automático das transformações históricas. Ele é uma complicada e difícil criação do homem.

Os sacrifícios de Sierra Maestra são nada quando comparados com os sacrifícios que vieram depois. Eles são vistos friamente, como se fossem ocorrências de uma história natural, às vezes com olhos muito críticos. Ninguém se pergunta o que se faz em Cuba para que o socialismo cresça e vença, qual é o sentido de uma obstinação que não encontra paralelo em outras experiências históricas análogas” (FERNANDES, 2007, p. 311).

Nesse sentido, assim como escreveu Lênin (2017- p. 49), os rebeldes usaram do poder de Estado, de uma organização centralizada da força, de uma organização da violência tanto para reprimir a resistência dos espoliadores como para dirigir a imensa massa da população, o campesinato, a pequena-burguesia, os semiproletários, na prática da “organização” da economia socialista. Bambirra observou a respeito de Cuba:

“A correlação de forças entre as classes sociais, cujas alterações se verificam desde os primeiros meses da tomada do poder, é definitivamente alterada em face da hegemonia do proletariado em aliança estreita com o campesinato pobre e com a pequena burguesia revolucionária. A contrarrevolução, isolada desde o começo da revolução, não tem nenhuma perspectiva histórica e a sua única alternativa é abandonar o país e procurar montar a partir do exterior o seu movimento de resistência, que fracassará em todos os seus objetivos”
(BAMBIRRA, 1975, P. 257-258).

3.4. A IMPLEMENTAÇÃO DA DIREÇÃO POLÍTICA CORRETA

Por fim, a última seção deste capítulo trata da implementação da direção política correta pela vanguarda, ou seja, o uso de estratégia e táticas políticas acertadas, tendo as mais amplas massas se convencido destas por experiência própria (LÊNIN, 2014, p. 48). Esta última

diretamente relacionada, por exemplo, ao sucesso do país – pequeno e pobre em termos capitalistas – em eliminar algumas das mais graves pragas que assolam a humanidade: o analfabetismo, a fome, a miséria. Nesse sentido, é importante salientar que os aspectos militares não ganharão destaque nesta seção. Existem múltiplos trabalhos que se ocupam em examinar a “teoria do foco”, este não é um deles. Esta pesquisa entende a guerrilha, tal como escreveu Florestan (2007, p. 90), como o meio cubano de chegar ao socialismo, que permitiu, a um tempo, desagregar a capacidade de resistência da tirania burguesa e neutralizar a dominação imperialista dos Estados Unidos. Nesse sentido, Vânia Bambirra ainda nos lembra a importância que a combinação de múltiplas formas de luta cumpriu no caso cubano:

“Ao invés do que erradamente uma análise simplista pode sustentar, a experiência cubana demonstra: como numa guerra revolucionária se combinam várias formas de luta; como não existe um predomínio absoluto de uma forma sobre outra, em todos os momentos do processo; como as formas de luta estão relacionadas com as situações políticas e, deste modo, como uma modalidade de luta que é predominante num dado momento pode deixar de sê-lo no seguinte, dando lugar a uma mais adequada às condições do período”
(BAMBIRRA, 1975, p. 93).

Por exemplo, é possível perceber na correspondência entre Fidel Castro e Frank País, que a organização urbana do M-26-7 cumpria um papel de destaque no apoio a luta de guerrilhas, não só por meio do recrutamento de combatentes como também adquirindo equipamentos, armas e munições, ao ponto de dispor de morteiros (BAMBIRRA, 1975, p. 262). Jon Lee Anderson (2012, p. 262) apresenta Frank País como o mais moço dos membros do diretório, este já havia revelado um desempenho impressionante como ativista político na província de Oriente, onde era vice-presidente da federação estudantil. Desde a criação do Movimento 26 de Julho, ligara-se a Fidel como coordenador das atividades rebeldes na região. Ele escreveu:

“Cansei-me de pedir a Norma a forma de te enviar uniformes, mochilas e botas, etc (...). Pedi-lhe que me dissesse que quantidade pode passar em cada viagem e com que frequência (...). Também quero que me especifique o arsenal de que precisas (...). Se me fixasses a quantidade, enviar-tas-ia a pouco e pouco juntamente com uniformes, comida, etc. Igualmente, se necessitas de fundas para pistolas e de que calibre, e bolsas para pentes de

*metralhadoras, de que tipo e quantas, bolsas para pentes de M-1, de que tipo e quantas. As balas 30.06 e de M-1 escasseiam, mas de tudo que posso arranjar manda pedir-mo. Diz-me o número das botas de que mais careceis e em que quantidade; o Che mandou-nos um pedido assim e logo o atendemos. No dia 10 do corrente, iniciaremos o Plano Nacional Número 2, o qual consiste em um mês de sabotagem ordenada a nível nacional, vamos indo apertando a pouco e pouco”.*²⁵

Na mesma carta País fala da disciplina e organização do M-26-7 a nível nacional, da falta de apoio popular à ditadura, e, em compensação, da colaboração do povo na denúncia do aparelho repressivo ditatorial. Frank (1961, p. 160) conta que era muito difícil para as forças inimigas trabalhar ou movimentar-se sem que o povo os descobrisse e denunciasse. Para Bambirra (1975, p. 99), o apoio à luta insurrecional que se manifesta no campo pela ajuda que os camponeses dispensam às guerrilhas, explorado na seção dois deste capítulo, retrata a existência na zona rural de um clima político favorável a uma oposição ao regime existente; e, nas cidades, traduz-se num apoio ao movimento de resistência à ditadura, cujas manifestações se dão em múltiplos tipos e aspectos, como por exemplo, o assinalado por Frank País. Nesse sentido, a autora ainda destaca:

“(...) a existência de uma vasta organização do tipo partidário que se estendia por todo o país e que criava condições básicas, infra-estruturais e políticas, para o desenvolvimento da luta insurrecional. Só uma organização bastante importante poderia superar as muitas e tão variadas necessidades dos combatentes da Sierra, de forma tão eficaz (...). Só uma organização bastante grande e bem disciplinada poderia propor satisfazer todas estas necessidades (...). Para tudo isso, se requeriam recursos humanos e materiais. Com estas condições contava o M-26-7” (BAMBIRRA, 1975, p. 100).

Ecoam as palavras de Amílcar Cabral (2019, p. 125) a respeito de toda a prática fecundar uma teoria: se é verdade que uma revolução pode falhar, mesmo que seja nutrida por teorias perfeitamente concebidas, ainda ninguém praticou vitoriosamente uma Revolução sem teoria revolucionária. O Partido Comunista de Cuba (PCC), surgiu como expressão da unidade das forças políticas que sustentavam a revolução em 1965. Definido pela Constituição como “força dirigente da sociedade e do Estado”, não se parece em nada com os partidos eleitorais que

²⁵ Pérez, Faustino. Yo vine em el Granma. La Sierra y el Llano, op. cit., p. 82.

atuam nos países capitalistas. O PCC tem a responsabilidade de dirigir ideologicamente os órgãos políticos e administrativos do Estado, Haddad e Saito (2012, p. 216) escreveram, bem como a sociedade e suas entidades organizadas.

Eles prosseguem: “(...) entre seus objetivos está a batalha política e cultural para fomentar e consolidar uma nova moral na sociedade cubana, baseada nos valores defendidos pela revolução, como a solidariedade, a igualdade e a justiça social.” O jornal *Granma* é o portavoz oficial de seu Comitê Central. Em 2003, segundo Haddad e Saito (2012, p. 216), o PCC contava com aproximadamente 860 mil filiados em cerca de 63 mil núcleos. No âmbito partidário interno, todos os cargos são eletivos. Haddad e Saito (2012, p. 216-217) relatam que os candidatos dependem de uma manifestação favorável dos seus companheiros de trabalho e de bairro. Somente após essas consultas é realizada a eleição interna, sempre mediante votação secreta. Em circunstâncias normais, o partido realiza congressos a cada cinco anos, para confirmar ou atualizar sua linha política e renovar sua direção.

Foi exatamente por meio de Revolução Cubana que a ilha tornou-se verdadeiramente rica, não em termos capitalistas, mas, sim, em termos humanos. Dentre suas características mais ressaltadas estão a qualidade do seu sistema educativo, bem como a medicina de ponta e universalizada. Mechi (2017) escreveu a esse respeito: “Passou-se de uma situação em que existem altos índices de analfabetismo para uma sociedade plenamente alfabetizada; democratizou-se a prática elucidativa, já que se alargou o número de pessoas que poderiam se dedicar a essa tarefa; e lançaram-se as bases de uma educação para a formação humana no socialismo.” A respeito do sistema de saúde cubano:

“O sistema de saúde cubano é reconhecido em nível mundial por sua excelência e sua eficiência. Apesar de ter recursos sumamente limitados, e o impacto dramático causado pelas sanções econômicas que os Estados Unidos impõem a Cuba, há mais de meio século, Cuba conseguiu tornar universal o acesso à saúde a todas as categorias da população e conseguir resultados similares aos das nações mais desenvolvidas. Durante sua visita recente a Havana, a diretora-geral da Organização Mundial da Saúde, Margaret Chan, elogiou o sistema de saúde cubano e declarou que estava impressionada pelos avanços nesse campo. “Cuba é o único país que eu tenho visto que tem um sistema de saúde estreitamente ligado à pesquisa e ao desenvolvimento em ciclo fechado. É esse o rumo correto, porque a saúde humana não pode melhorar se não for com a inovação”, enfatizou. Parabenizou “os

esforços que o país faz nesse sentido, para colocar a saúde como pilar essencial do desenvolvimento".²⁶

A ilha baseia seu sistema de saúde na medicina preventiva e alcançou resultados excepcionais. Segundo Margaret Chan, o mundo deve seguir seu exemplo e substituir o modelo curativo, pouco eficiente e custoso, por um sistema baseado na prevenção. "Desejamos de modo fervente que todas as pessoas que vivem no planeta possam ter acesso a serviços médicos de qualidade, como em Cuba", sublinhou.

4. OS FUNDAMENTOS DA DEMOCRACIA SOCIALISTA

De acordo com o que foi indicado anteriormente na seção de apresentação e justificativa da pesquisa, o capítulo 3 consiste em uma exposição acerca dos fundamentos da democracia socialista. Será reconstituído, então, o processo de construção da democracia socialista, que envolve bem mais do que o exercício do voto direto. Evidentemente, uma apresentação da estrutura do sistema político cubano que se limitasse a discorrer acerca dos aspectos fundamentais do modelo eleitoral cubano – como o funcionamento das Assembleias de nível municipal, provincial e nacional – mas deixasse de lado o processo de concepção altamente participativo da Constituição vigente, bem como a estrutura e modo operacional do Poder Popular e demais órgãos consultivos, seria profundamente incompleta. A exposição a seguir, então, lança luz sobre um processo que combina um modelo eleitoral fortemente popular e participativo com prestação de contas, representatividade autêntica e pensamento e direção coletiva. Este é um processo revolucionário que sem o apoio político e a sustentação moral das massas cubanas, não teria resistido a todos os ataques que sofreu de 1959 até os dias de hoje.

4.1. O MODELO ELEITORAL CUBANO

Existem dois tipos de processo eleitoral no país, Haddad e Saito relatam (2012, p. 207-209), eleições gerais e eleições parciais. Nas primeiras são votados, a cada cinco anos, os deputados da Assembleia Nacional do Poder Popular e demais instâncias de âmbito nacional, incluindo o Conselho de Estado, bem como os delegados das Assembleias Provinciais do Poder Popular. Já as eleições parciais ocorrem a cada 2 anos e meio, quando são eleitos delegados das Assembleias Municipais do Poder Popular. Em Cuba, o voto é facultativo, igualitário e secreto. Todos os cubanos com mais de 16 anos possuem o direito de votar e serem eleitos como

²⁶ Lamrani, Salim. Cuba, um modelo segundo a Organização Mundial da Saúde. Granma, 2014.

delegados das Assembleias Provinciais e Municipais. Enquanto no caso da Assembleia Nacional, os deputados devem ter mais de 18 anos. Nesse primeiro momento, é importante enfatizar que os cubanos votam diretamente nos candidatos das Assembleias Municipais e Provinciais, bem como escolhem seus Presidentes e Vice-presidentes.

Com relação aos delegados das Assembleias Municipais, os candidatos podem se apresentar ou ser propostos por terceiros, sendo esse direito exercido em assembleias gerais dos eleitores das áreas de cada circunscrição eleitoral (que nada mais é do que a divisão territorial do município). Nesse processo, os méritos e qualidades de cada candidato são discutidos em comunidade para, em seguida, estes serem votados pela vizinhança, que decide por maioria. Isto significa que não há espaço em Cuba para financiamento privado de campanha nem nessa nem em nenhuma outra esfera. Este é um dos fundamentos da democracia socialista, sobre o qual Lima e Moreira (2017, p. 57) escreveram a respeito ao sinalizar a singularidade da cultura de participação política em Cuba, sendo esta arraigada no lugar social do indivíduo, não tendo sua expressão permeada pela capacidade de compra do espaço midiático, mas sim a partir de sua colocação como membro da sociedade.

No tocante a definição de candidatos no nível provincial e nacional, Lima e Moreira (2017, p. 59) relatam que para se tornar deputado é necessário primeiramente ser apresentado à Comissão Nacional de Candidaturas por uma das organizações de massas do país, mediante aprovação das Assembleias Municipais. A candidatura, registram Haddad e Saito (2012, p. 209), só pode ser aprovada se conseguir o voto de mais de metade dos delegados. Por fim, para se eleger, o postulante deve receber metade dos votos válidos em uma votação popular, assim como nos pleitos municipais. Em entrevista ao *Brasil de Fato*, Alina Balseiro, a presidenta da Comissão Eleitoral Nacional (CEN) enfatizou justamente como o fato de a seleção dos candidatos começar na base, com uma assembleia de vizinhos, permite uma participação popular ampla desde o início do processo.²⁷ Lima e Moreira (2017, p. 59) realizaram ainda uma explanação séria e extremamente didática a respeito da eleição presidencial, em que abordam uma das principais críticas feitas ao modelo cubano: a suposta indicação do órgão executivo sem chancela do voto popular. Este, ressaltado, é um dos trechos mais relevantes do presente capítulo:

²⁷ Fania Rodrigues. Composição da Assembleia Nacional de Cuba é uma das mais democráticas do continente. *Brasil de Fato*, 13/03/2018.

“(...) para a eleição presidencial, o candidato obrigatoriamente precisa ser deputado; ou seja, deve ter sido eleito por voto direto e secreto da população, da mesma forma que todos os 609 deputados da Assembleia Nacional. No caso específico do ex-presidente Fidel Castro, por exemplo, ele foi designado candidato pela Assembleia Municipal de Santiago de Cuba e eleito pelos votantes de uma circunscrição do município. A lei eleitoral estipula que ninguém poderá ser deputado na Assembleia Nacional se não conseguir maioria simples. Portanto, Fidel foi eleito com mais de 50% dos votos válidos. Posteriormente, sua candidatura a presidente do Conselho de Estado e de Ministros foi votada pelos deputados da Assembleia Nacional e, igualmente, alcançou mais de 50% dos votos.”

Em vista disso, os 32 anos de Fidel na presidência do país resultaram de vitórias consecutivas, vitórias essas que só foram possíveis porque eram amplamente respaldadas por vasto apoio popular. O anúncio da licença provisória de Fidel em 31 de julho de 2006, contam Haddad e Saito (2012, p. 73) gerou um clima de comoção pelo país afora. Trabalhadores e estudantes promoveram manifestações de solidariedade ao comandante. Aníbal Melo, da filial cubana da Federação Sindical Mundial, relatou: “Você precisava ver a tristeza das pessoas”, disse o sindicalista, referindo-se ao 31 de julho, quando foi divulgado o afastamento do líder. “Os que tinham festas programadas, cancelaram.”²⁸

Hulst (2000, p. 8-11) ainda lembra que ao contrário da maioria dos países capitalistas, que adota o chamado “mandato de representação livre”, em Cuba o modelo de “mandato imperativo” rege todas as esferas do Poder Popular. Nas palavras de Silva (2000, p. 48), o primeiro é livre no sentido de o representante não estar vinculado a seus eleitores, dos quais não recebe instruções, porque, juridicamente, exprime, nos atos de governo, a sua própria vontade. Bonavides (2004, p. 262) explica que se os eleitores pudessem destituir o representante, não seria possível para este exprimir-se livremente, sendo assim, não pode o mandante revogar o mandato outorgado. Nesse sentido, a irrevogabilidade decorre da irresponsabilidade do mandatário em relação ao mandante. Isto significa, por exemplo, que o representante não é obrigado a explicar os motivos pelos quais tomou uma ou outra decisão. Já no modelo imperativo cubano, o representante eleito deve obrigatoriamente executar as determinações daqueles que o elegeu, caso contrário seu mandato pode ser revogado por

²⁸ Lourival Sant’anna. Futuro sem Fidel divide cubanos. O Estado de S. Paulo, 17/09/2006.

conduta incompatível com a representação popular ou até mesmo por insuficiência de desempenho²⁹. Assim, diálogo permanente e alinhamento com as bases são partes constitutivas inegociáveis de cada um dos mandatos outorgados, bem como um cronograma periódico rígido com relação à prestação de contas de sua atuação aos cidadãos de sua base eleitoral e ao órgão que o indicou.

Outro fato que merece destaque é o histórico da taxa altíssima de participação do eleitorado em um país de voto facultativo, bem como os índices ínfimos de votos brancos (4%) e nulos (1%)³⁰. De acordo com dados do Poder Eleitoral, cerca de 7,3 milhões de cubanos participaram da eleição geral de 2018, sendo que este número representa 82,9% dos eleitores.³¹ No caso das eleições colombianas de 2018, por exemplo, outro país latino-americano no qual o voto é facultativo, a taxa de comparecimento eleitoral foi de cerca de 54% dos eleitores.³² Fato este que, claro, não foi alardeado pelos grandes veículos de comunicação dado à vitória do candidato representante dos interesses da minoria, Iván Duque. Os mesmos veículos também não destacaram que quando Sebastián Piñera venceu no Chile em 2017, venceu com de 50,98% de abstenção por parte do eleitorado.³³ Estabelecendo ainda uma comparação - que sequer é justa considerando que o voto é obrigatório no caso do Brasil - o índice de participação nas eleições mais recentes de Cuba foi, apesar disso, superior ao índice brasileiro nas eleições que ocorreram no país também no ano de 2018.³⁴

Verdadeiramente, este significativo índice cubano de 2018 é um dos menos expressivos obtidos em Cuba, contudo ainda é superior aos altos índices de participação alcançados em países centrais do capitalismo como Alemanha, Reino Unido e França em suas eleições mais recentes³⁵. Já nos Estados Unidos, país de voto facultativo que teve recorde de participação eleitoral no ano de 2020, o número de comparecimento atingiu cerca de 66,7% dos eleitores. Anteriormente, em 2016, segundo dados da Pesquisa de População Atual (CPS) do Departamento do Censo dos EUA, a participação eleitoral foi de 61,4% dos eleitores.

4.2. AS ORGANIZAÇÕES DE MASSA

²⁹ Lei 89 (Revogação de Mandatos dos Eleitos aos Órgãos do Poder Popular), de 14 de setembro de 1999, artigo quinto.

³⁰ Dados oficiais do processo eleitoral de 2018.

³¹ Rodrigues, Fania. Composição da Assembleia Nacional de Cuba é uma das mais democráticas do continente. Brasil de Fato, 13/03/2018.

³² Dado oficial do governo colombiano.

³³ Dado oficial do governo chileno.

³⁴ De acordo com a Justiça Eleitoral brasileira, compareceu às urnas 78,70% do eleitorado brasileiro.

³⁵ Pode ser verificado facilmente ao acessar as páginas oficiais da Justiça Eleitoral de cada país.

O grande vínculo entre a tomada de decisões e a vontade popular em Cuba é impulsionado também por mecanismos de apoio popular que conferem ainda mais permeabilidade à estrutura do Estado. Heredia (2006, p. 376) escreveu a respeito das organizações de massa como promotoras de atividades e iniciativas de diferentes setores, unindo o apoio político e ideológico ao processo de reconhecimento das identidades e demandas de uma diversidade social – uma atitude conveniente na fortíssima tendência de unificação que tem predominado e ocasionado a formação de muitos quadros e ativistas. Haddad e Saito (2012, p. 217) registram a existência de seis organizações de massa com competência constitucional para participar das comissões de candidaturas para eleições às Assembleias Provinciais e à Nacional.

Uma delas é a Central de Trabalhadores de Cuba (CTC). Segundo Nogueira (2006, p. 367), a criação da CTC data de 1925, quando foi criada a Confederação Nacional Operária de Cuba (CNOOC), no contexto das lutas sociais no país caribenho. Nessa época, tiveram lugar, por exemplo, numerosas e prolongadas greves do setor de cigarros. Uma crise econômica aguda entre 1929-1933, com taxas de desemprego altíssimas, fomentou um movimento de mais de 200 mil trabalhadores do setor açucareiro no decorrer da safra de 1933, que se estendeu aos demais setores, provocando várias greves por todo o país. Nogueira (2006, p. 367) escreveu a esse respeito:

“Entretanto, a classe trabalhadora não conseguia criar uma força social e política capaz de implementar o programa da revolução agrária e antiimperialista. Em fevereiro de 1934 promulgou-se o Decreto-lei número 3, que representou grave derrota para os trabalhadores. O decreto proibia, na prática, o direito da greve, restringindo a legalização das atividades sindicais por meio de sucessivos dispositivos jurídicos, entre os quais a criação dos Tribunais de Urgência. Em março de 1953, a greve geral revolucionária foi derrotada. A partir de então, muitos decretos garantiram ao patronato a livre contratação e favorecimento para os sindicatos amarelos e para os “fura-greves”. Os sindicatos combativos foram considerados ilegais e seus dirigentes proibidos de ocupar cargos executivos nas organizações oficiais.”

De 1937 a 1939, ele prossegue, ocorreu um fortalecimento do movimento sindical, em um contexto mundial de resistência ao fascismo. Em janeiro de 1953 (data escolhida em homenagem a José Martí, nascido nesse mês), ocorreu o Congresso de Fundação da CTC. Este contou com a participação de 1.500 delegados, representando 780 organizações, às quais

estavam filiados cerca de 645 mil trabalhadores. A criação da CTC teria representado, assim, “o auge do trabalho desenvolvido pelo proletariado unitário sob a direção dos comunistas.” As resoluções do X Congresso da CTC, Nogueira (2006, p. 367) registra, deram apoio à Revolução em 1959.

Haddad e Saito (2012, p. 218) relatam que a organização passou por um processo de reorganização em 1961, sendo hoje composta por 19 sindicatos nacionais, que agrupam cerca de três milhões de filiados. Os autores ainda contam que esta é responsável pela edição de um dos diários de maior relevância no país, o *Trabajadores*, e sua direção é renovada em congressos que ocorrem de cinco em cinco anos. Nogueira (2006, p. 367-368) destaca o papel de destaque cumprido pela CTC em momentos de necessidade, do direcionamento para aumentar a produção rural, particularmente a safra de açúcar, em 1966, até a participação de quase 3 milhões de trabalhadores e dirigentes sindicais na elaboração de uma estratégia nacional diante do esvaziamento do campo socialista. No que diz respeito à preocupação do movimento sindical com a melhoria cultural e educacional dos trabalhadores, Nogueira (2006, p. 367) relata que a CTC ampliou as escolas sindicais em todas as instâncias, destacando-se a Escola Nacional de Quadros da CTC, denominada Lázaro Peña. Ele conta: “Mais de 64 mil sindicalistas cubanos frequentaram seus cursos, que também contaram com a participação de militantes sindicais e políticos da América Latina, do Caribe e da África.”

Segundo a legislação eleitoral cubana, Haddad e Saito (2011, p. 218) registram, cabe à CTC indicar os presidentes das comissões de candidaturas às Assembleias Provinciais e à Nacional, além de representar os trabalhadores perante órgãos governamentais e organizar a sua participação na discussão dos grandes temas da agenda nacional, como nos chamados *parlamentos obreros*. Nogueira (2006, p. 368) define a participação dos trabalhadores vinculados à CTC como primordial para a busca de soluções para problemas como a inflação, o déficit orçamentário, o desequilíbrio financeiro e outras questões vinculadas prioritariamente aos efeitos do bloqueio estadunidense e ao esvaziamento do campo socialista.

Há também os Comitês de Defesa da Revolução (CDR's), sendo esses a maior, a mais capilarizada e popular das organizações aqui em foco. Comporta cerca de 8,3 milhões de membros, em quase 140 mil comitês de moradores, espalhados por todo o país³⁶. Esta é responsável por agrupar os vizinhos em quadras para vigiar a contrarrevolução e também

³⁶ Segundo dados do Museu dos CDR's, em Havana.

organizar múltiplas tarefas em benefício da comunidade. De acordo com Heredia (2006, p. 376), estes constituem a base das circunscrições eleitorais desde 1976. Haddad e Saito (2011, p. 218) escreveram a seu respeito:

“Todo cubano, a partir de 14 anos de idade pode inscrever-se no CDR mais próximo de sua residência. É organizado territorialmente, com direções municipais, provinciais e nacionais, eleitas durante os seus congressos quinquenais (...). Os comitês apareceram em setembro de 1960, como reação aos atentados terroristas e atos de sabotagem que procuravam desestabilizar a revolução cubana. Eles passaram por um duro teste ainda no início de sua estruturação, em abril de 1961, com a invasão da Baía dos Porcos (Playa Girón). Por iniciativa dos “cedristas”, cerca de 20 mil pessoas foram detidas em todo o país, para desarticular (...) ações internas de apoio aos mercenários. Com a consolidação da revolução, os CDRs passaram a ajudar na organização de tarefas de cunho social, como campanhas de vacinação e de doação de sangue, mutirões de trabalho voluntário, atividades da Defesa Civil, (...) coleta e reciclagem de matérias-primas, limpeza pública e outras.”

Outra entidade de grande peso na vida nacional é a Federação de Mulheres Cubanas (FMC), segundo Haddad e Saito (2012, p. 218) estas agrupam mais de 80% das cubanas acima de 14 anos de idade. Fundada em agosto de 1960, sob a liderança de Vilma Espín, contribuiu intensamente para a campanha de alfabetização, fundou os Círculos Infantis, elaborou campanhas de atenção à saúde da mulher e desenvolveu, em conjunto com a pasta de Saúde do governo, programas de prevenção ao câncer mamário e intrauterino.³⁷ Esta organização contribuiu, então, intensamente na luta contra a desigualdade de gênero em Cuba e possibilitou os bons resultados alcançados pela ilha. Andrade, Barreto, Moreira (2017, p. 73-74) escreveram a esse respeito:

“O Índice Global de Desigualdade de Gênero, divulgado pelo Fórum Econômico Mundial, considera características como paridade de salários entre homens e mulheres, níveis de participação e acesso a empregos que requerem habilidades técnicas, acesso à educação básica e superior, representação nas estruturas de tomada de decisões, expectativa de vida e proporção de sexos na população. Em 2015, Cuba ocupou o 29º lugar em um

³⁷ Paixão, Mayara. Março das mulheres: a luta das cubanas em 60 anos de revolução. Brasil de Fato.

ranking de 145 países, o que sinaliza não só uma preocupação com a mulher na sociedade cubana, como também efetivas ações para concretizar a redução – ou o fim – das desigualdades de gênero na ilha. Em termos latino-americanos é possível compreender esse avanço se comparamos a posição cubana com o Brasil, que ocupa o 85º lugar no mesmo ranking.”

Espalhada por toda ilha, Haddad e Saito relatam (2012, p. 219), a FMC se reúne em congressos quinquenais para renovar sua direção e avaliar suas atividades. Os autores tratam também da Associação Nacional de Pequenos Agricultores (ANAP): esta nasceu em 1961 e coordena atualmente mais de quatro mil organizações de base (Cooperativas de Produção Agropecuária e Cooperativas de Crédito e Serviços) que representam cerca de 330 mil associados. As Cooperativas de Produção Agropecuária (CPA), Vasconcelos (2017, p. 113-115) escreveu, surgiram em 1976 e se tratavam de propriedades privadas coletivas, com forte intervenção estatal na escolha de métodos e cultivos. As CPA, ela prossegue, obtêm todo crédito do Estado e vendem a maior parte da produção para este (sendo permitida uma margem de excedente privado). Hoje, de acordo com Vasconcelos (2017, p. 115), representam cerca de 10% a 15% da superfície agrícola nacional.

Já as Cooperativas de Crédito e Serviços (CCS) surgiram junto com a ANAP em 1960 e, segundo Vasconcelos (2017, p. 110), configuram um dos maiores casos de sucesso da forma cooperativa na Revolução Cubana. As CCS são propriedades privadas individuais associadas, ou nas palavras da autora, uma “associação entre pequenos camponeses para obtenção coletiva de crédito estatal, serviços, insumos e maquinário, além de eventual prática de brigadas de ajuda mútua (trabalho em mutirão).” Todo camponês cubano deve estar associado a alguma CCS, Vasconcelos (2017, p. 110) conta, sendo que estas obtêm crédito do Estado e também vendem a maior parte da produção para este (sendo permitida uma margem de excedente privado). Hoje, de acordo com Vasconcelos (2017, p. 114), compõem aproximadamente 30% da superfície agrícola nacional. A ANAP atua, então, na defesa de interesses dos agricultores, participando ativamente nas discussões de questões agrícolas e agrárias. Realiza um congresso a cada cinco anos para eleger seus dirigentes, Haddad e Saito (2012, p. 219) registram, bem como para discutir e analisar os problemas do setor. Os autores ainda apontam que a ANAP mantém parcerias técnicas com pelo menos 40 organizações não governamentais de diversos países.

Por fim, os estudantes cubanos constroem a Federação Estudantil Universitária (FEU) e a Federação de Estudantes do Ensino Médio (FEEM). Haddad e Saito (2012, p. 219) definem ambas como promotoras dos interesses dos estudantes, sendo estes: educação, inserção no mundo do trabalho, atividades culturais e práticas esportivas. Nesse sentido, a FEU e a FEEM contribuem para o amadurecimento da juventude ao estimular sua participação na vida política. E, como bem definiu Fernández Garrido: “A juventude cubana é herdeira de uma cultura política ativa.”³⁸ A FEU edita mensalmente a revista *Alma Mater* e possui aproximadamente cem mil filiados, Haddad e Saito (2012, p. 219) registram, tendo ambas realizado congressos que acontecem de quatro em quatro anos para eleger suas direções.

4.3. O TEXTO CONSTITUCIONAL

Em 2019, os cubanos votaram o novo texto constitucional, na maior alteração da Carta Magna em 40 anos. Após a conclusão da primeira versão, elaborada no período de 3 de agosto a 15 de novembro, o documento foi discutido exaustivamente com a população maior de 16 anos, em diferentes níveis. Dados concedidos pelo cônsul de Imprensa de Cuba no Brasil, Antonio Mata Salas, apontam que de 11,5 milhões de habitantes, 8,9 milhões de pessoas participaram das reuniões.³⁹ Ao todo, mais de 133,6 mil reuniões foram realizadas, sendo os CDR's uma peça das mais importantes nesse processo, configurando a estrutura na qual ocorreu a maior parte dos encontros⁴⁰. Da parcela restante, 45.452 reuniões realizaram-se com trabalhadores do sindicato, 3.441 com camponeses, 1.328 com estudantes universitários e 3.256 com estudantes de ensino médio.

Ainda de acordo com informações do Consulado, em relação às propostas trazidas nas reuniões, 50,1% foram aceitas e incorporadas na nova versão do texto. Foram propostas aproximadamente 666.995 modificações a artigos do projeto inicial, 32.149 adições e 45.548 exclusões. Também foram tiradas cerca de 38.482 dúvidas pela população a respeito de aspectos e questões do texto constitucional que não compreendiam. Em entrevista ao *Brasil de Fato*, o cônsul cubano afirmou que o processo de construção popular fez com que o texto a ser votado se tornasse superior em conteúdo e mais representativo que o inicial. Em suas palavras: “Quando se faz um processo em que todos têm a possibilidade de opinar, as coisas se

³⁸ Garrido, Jasely Fernández. Juventude cubana, rompimento ou continuidade? *Brasil de Fato*, 23/03/2021.

³⁹ Fania, Rodrigues. Composição da Assembleia Nacional de Cuba é uma das mais democráticas do continente. *Brasil de Fato*, 13/03/2018.

⁴⁰ Cerca de 60% para ser mais exata.

enriquecem. Não há nada mais bonito e importante do que a inteligência coletiva”. Ele enfatiza ainda que, “é uma prática usual em Cuba, desde os anos da Revolução, que as principais leis se discutam de forma aberta com a população”. Como exemplo mais recente, Salas menciona a Atualização das Diretrizes da Política Econômica e Social do Partido Comunista Cubano (PCC) para o período de 2016-2021, aprovadas no 7º Congresso do PCC, em 2016. O processo contou com um total de 126 alterações feitas por delegados ao texto original apresentado pelo Comitê Central do partido.

Luis Ernesto Rodríguez Gómez, engenheiro e professor da Universidade Tecnológica de Havana, declarou sobre o processo de consulta popular: “Nos sentimos como dirigentes do nosso próprio destino e não apenas como estatísticas de um processo eleitoral”.⁴¹ Ele contou ao *Brasil de Fato* que participou de três reuniões abertas sobre o projeto constitucional e confirmou que “cada opinião foi analisada e anotada, sendo a favor ou contra para posterior análise”. Em Cuba há o tipo de processo decisório que Samora Machel (2019, p. 242) chamou de democrático no conteúdo e na forma: “No conteúdo quer dizer que elas correspondem aos interesses reais das largas massas. Na forma significa que as largas massas devem participar na elaboração da decisão, senti-la como delas e não imposta de cima para baixo.” Ex-combatente do exército revolucionário, Raúl González defende que a reforma é necessária para acompanhar o novo estágio do socialismo e da conjuntura que o país enfrenta.⁴² O cônsul ainda argumentou que o fortalecimento dos métodos de consulta popular vem sendo um dos pilares que mantém viva a revolução socialista no país, após 60 anos. Ele pontua: “Há que se construir o socialismo como um consenso, em que a população tenha acordo. E em Cuba há um consenso nacional de que o socialismo é o indicado para garantir os direitos da população.” O projeto foi, por fim, submetido e aprovado em plebiscito no ano de 2019, com 86,8% do eleitorado votando a favor. Em uma América Latina que sofre com o neoliberalismo e onde a democracia participativa vem sendo cada vez mais reivindicada pela classe trabalhadora, vide o caso do Chile e do Peru, o caso cubano ganha ainda mais relevância.

⁴¹ Fania, Rodrigues. Composição da Assembleia Nacional de Cuba é uma das mais democráticas do continente. *Brasil de Fato*, 13/03/2018.

⁴² Fania, Rodrigues. Composição da Assembleia Nacional de Cuba é uma das mais democráticas do continente. *Brasil de Fato*, 13/03/2018.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a conclusão deste estudo será responsável por demonstrar como os objetivos propostos na seção de apresentação e justificativa da pesquisa foram esclarecidos. Este é um estudo com o propósito central de investigar os elementos objetivos que levaram à tomada e manutenção do poder pela classe trabalhadora em Cuba. Seu primeiro capítulo consiste, então, em uma exposição da história prática do Movimento 26 de Julho, sem a qual seria impossível fornecer uma explicação satisfatória acerca das condições que possibilitaram forjar e manter, nas mais difíceis condições, a disciplina férrea necessária à vitória do proletariado. Este retoma desde aspectos já amplamente conhecidos (como a íntima conexão entre o M-26-7 e os movimentos independentistas) até aspectos pouquíssimos conhecidos (como os antecedentes que nos permitem concluir que o caráter socialista da Revolução não foi determinado fundamentalmente pelo contexto internacional e atuação dos Estados Unidos). Nesse sentido,

esta pesquisa apresenta diversos relatos de Fidel que confirmam a influência de ideias marxistas no Movimento ainda no assalto ao Moncada em 1953. Castro (2016, p. 144) fala, por exemplo, da impossibilidade até mesmo de se conceber a ideia de uma revolução em Cuba – dado a disparidade de poder entre os rebeldes e o Exército de Batista – sem o estudo do marxismo, da teoria política de Marx, sem o exemplo inspirador de Martí, Marx e Lenin).

Neste capítulo, testemunhamos o desenvolvimento das condições fundamentais que tornaram possível a vitória política, condições das quais falava Lênin (2014, p. 48-49). Acompanhamos como estas foram se formando através de um trabalho prolongado, de uma dura experiência: do primeiro ao segundo período de cárcere, passando pelo trágico desembarque do *Granma* em Cuba, até a emboscada do Exército que dividiu o grupo e os deixou com um total de sete armas. Seguiu-se, então, um longo período de vitórias e derrotas que culminou no avanço das colunas rebeldes pelo país e na tomada do poder político. Este processo foi facilitado por uma correta teoria revolucionária que, por sua vez, não é um dogma e só se forma de modo definitivo em estreita ligação com a experiência prática de um movimento verdadeiramente de massas e verdadeiramente revolucionário (LÊNIN, 2014, p. 48-49).

O segundo capítulo aborda as condições fundamentais do êxito do movimento revolucionário. A primeira seção trata da disciplina no Movimento 26 de Julho – embrião do que viria a ser o Partido Comunista de Cuba (PCC) – relacionada à consciência da vanguarda proletária e sua capacidade de se ligar com as massas trabalhadoras. Destaca-se logo no início desta que nenhum dirigente, por mais íntegro e capaz que seja, pode substituir o coletivo como sujeito transformador da história. Assim, a qualidade dos dirigentes aparece aqui como um dos fatores primordiais que podem influenciar significativamente o êxito ou o fracasso do movimento revolucionário. Conhecer mais a fundo a socialização política dos líderes do M-26-7 nos permite, então, obter uma compreensão mais aguçada a respeito da importância do exemplo, das ideias e da consciência da vanguarda como fatores fundamentais na preservação da Revolução.

A segunda seção do capítulo 2 informa a respeito do apoio da massa da classe trabalhadora. Nesta, atesta-se o apoio recebido por parte de setores populares desde os dias que se seguiram ao desembarque do *Granma*. Ficamos sabendo, assim, que a adesão dos camponeses ao sistema de suprimento dos rebeldes foi responsável por gerar seu funcionamento eficaz, o que nos dá ideia da dimensão de sua importância. A seção ainda conta com registros de algumas das ações tomadas pelos rebeldes na Sierra, como as consultas médicas gratuitas, que produziram

melhora na qualidade de vida de seus habitantes. Esta seção é muito relevante na medida em que – juntamente com o terceiro capítulo – permite compreender a sustentação moral das massas cubanas, sem a qual a Revolução não teria resistido a todos os ataques que sofreu desde 1959 até os dias de hoje.

A terceira seção dedica-se à instauração da ditadura do proletariado, ou seja, da guerra mais severa e implacável da nova classe contra um inimigo mais poderoso, a burguesia, cuja resistência está decuplicada em virtude de sua derrota (mesmo que em apenas um país) (LÊNIN, 2014). Esta, apresenta o conceito de ditadura do proletariado, considerado por Lênin (2017, p. 46) um dos conceitos mais notáveis e importantes do marxismo em matéria de Estado, bem como traz contribuições de Marx e Engels a respeito do próprio conceito de Estado. Essa exposição nos leva ao entendimento de que “o derrubamento da burguesia só pode ser realizado pela transformação do proletariado em classe dominante capaz de reprimir a resistência inevitável, desesperada, da burguesia e de organizar um novo regime de economia todas as massas trabalhadoras e espoliadas” (LÊNIN, 2017, p. 48). Nesse sentido, vemos como os rebeldes se apoderaram de todos os instrumentos de poder efetivo sobre a sociedade cubana e dispuseram destes combinando-os e articulando um novo sistema da vida social. A contrarrevolução, isolada desde o começo da revolução, não teve qualquer perspectiva histórica e sua única alternativa foi abandonar o país e procurar montar a partir do exterior o seu movimento de resistência, que fracassou em todos os seus objetivos (BAMBIRRA, 1975, p. 257-258).

Por fim, a quarta seção do segundo capítulo ocupa-se da implementação da direção política correta pela vanguarda, ou seja, o uso de estratégia e táticas políticas acertadas, tendo as mais amplas massas se convencido destas por experiência própria (LÊNIN, 2014). Esta última diretamente relacionada, por exemplo, ao sucesso do país – pequeno e pobre em termos capitalistas – em eliminar algumas das mais graves pragas que assolam a humanidade: o analfabetismo, a fome, a miséria. Inicialmente, joga-se luz sobre a importância que cumpre a combinação de múltiplas formas de luta. Temos contato, então, com a organização do M-26-7 a nível nacional: uma vasta organização do tipo partidário que se estendia por todo o país e criava condições básicas, infra-estruturais e políticas, para o desenvolvimento da luta insurrecional (BAMBIRRA, 1975, p. 100). Chama atenção, nesse sentido, como só uma organização bastante importante poderia superar as muitas e tão variadas necessidades dos combatentes da Sierra, de forma tão eficaz (BAMBIRRA, 1975, p. 100). Ganha ênfase o papel de destaque que a organização urbana do M-26-7 cumpria no apoio a luta de guerrilhas, não só

por meio do recrutamento de combatentes como também adquirindo equipamentos, armas e munições. Ainda conhecemos nesta seção como nasceu, da unidade das forças políticas que sustentavam a revolução, o Partido Comunista de Cuba em 1965. E como, exatamente por meio de Revolução Cubana, a ilha tornou-se verdadeiramente rica, não em termos capitalistas, mas, sim, em termos humanos.

O terceiro capítulo traz uma exposição acerca dos fundamentos da democracia socialista. Para reconstituir seu processo de construção, apresenta mais do que uma mera apresentação do sistema eleitoral cubano: abarca o processo de concepção altamente participativo da Constituição vigente, bem como a estrutura e o modo operacional do Poder Popular e demais órgãos consultivos. Olhar para estes aspectos nos permite, então, entender o histórico altíssimo de taxa de participação do eleitorado em um país de voto facultativo, que combina um modelo eleitoral fortemente popular e participativo com prestação de contas, representatividade autêntica e pensamento e direção coletiva. Um aspecto geralmente muito mal compreendido que é elucidado neste capítulo, por exemplo, é a suposta indicação do órgão executivo sem chancela do voto popular. Verdadeiramente, vemos que para se tornar presidente em Cuba é necessário ser eleito deputado por voto popular direto, bem como passar posteriormente por uma nova votação entre os deputados eleitos e alcançar mais de 50% dos votos. Os anos de Fidel na presidência do país resultaram, então, de vitórias consecutivas e amplamente respaldadas por vasto apoio popular.

Experiências históricas operam como laboratórios da práxis revolucionária e nos permitem extrair lições preciosas ao rever em suas bases a teoria – como fez Marx diante da Comuna em 1871. Este estudo trata, como foi pontuado já em sua apresentação, de uma das experiências mais bem-sucedidas em se defender do imperialismo e do golpismo da burguesia na América Latina: Cuba. No centro deste estudo encontra-se a forma com que se manifesta o poder burguês na periferia do sistema capitalista: da *batalla de Girón* ao bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos. Desse modo, o uso de todas as armas disponíveis visando frear a inevitável contrarrevolução foi determinante para o sucesso em Cuba. E, como bem pontuou Florestan (2007, p. 38), o significado desta Revolução é que a América Latina tem uma alternativa histórica, alternativa essa que não está no capitalismo, ela não é aberta pela democracia burguesa, não é aberta pelo imperialismo, não é aberta pela internacionalização da economia capitalista, ela é aberta pelo socialismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAKER D.; KUMAR, V.; DAY G. S. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Atlas 2004.

ANDERSON, Jon Lee. **Che Guevara: uma biografia**. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ANDRADE, R.; BARRETO, B.; MOREIRA, H. Há machismo, homofobia e racismo em Cuba? *In: Cuba no século XXI: dilemas da revolução*. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2017.

ASSIS, Maria Cristina de. **Metodologia do Trabalho Científico**. In: FARIA Evangelina Maria B. de; ALDRIGUE, Ana Cristina S. (Orgs.). Linguagens: usos e reflexões. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2008, v. II, p. 269-301.

AYERBE, Luis Fernando. **A revolução cubana**. São Paulo: Unesp, 2004.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BAMBIRRA, Vânia. **A revolução cubana: uma reinterpretação**. Coimbra: Centelha, 1975.

BONAVIDES, Paulo. **Ciência Política**. 10ª Ed., São Paulo: Malheiros, 2004.

CABRAL, Amílcar. A arma da teoria. In: **Revolução africana: uma antologia do pensamento marxista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

CASTRO, Fidel; RAMONET, Ignacio. **Fidel Castro: biografia a duas vozes**. São Paulo: Boitempo, 2016.

CHOMSKY, A., CARR, B., & SMORKALOFF, P. M. **The Cuba reader: history, culture, politics**. Duke University Press, 2019.

COCKCROFT, J. **América Latina y Estados Unidos**. México: Siglo XXI, 2001.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DIONNE, J.; LAVILLE, C. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

ENGELS, Friderich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Boitempo, 2019.

ENGELS, F.; MARX, K. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FERNANDES, Florestan. **Em busca do socialismo: últimos escritos & outros textos**. São Paulo: Xamã, 1995, p. 106.

FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo

- RS, Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR Universidade Feevale, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HADDAD, A. G.; SAITO, H. **Cuba sem bloqueio: a revolução cubana e seu futuro, sem as manipulações da mídia dominante**. São Paulo: Radical Livros, 2012.

HEREDIA, Fernando Martínez. CUBA. *In: Latinoamericana: enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Laboratório de Políticas Públicas da UERJ, 2006.

HULST, Marc Van der. **El mandato parlamentario: Estudio comparativo mundial**. Ginebra: Unión Interparlamentaria, 2000.

JONES, Manoel. O anticomunismo que a esquerda gosta. **Jacobin Brasil**, São Paulo, p. 96-99, novembro, 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LEÃO, Lourdes Meireles. **Metodologia do Estudo e Pesquisa: facilitando a vida dos estudantes, professores e pesquisadores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LÊNIN, V. I. **Esquerdismo: doença infantil do comunismo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

LÊNIN, V. I. **O Estado a revolução: a doutrina do marxismo sobre o Estado e as tarefas do proletariado na revolução**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

LIMA, L. R.; MOREIRA H. Cuba é uma democracia? *In: Cuba no século XXI: dilemas da revolução*. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2017.

LUKÁCS, György. **Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento**. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 106-107.

MACHEL, Samora. Estabelecer o Poder Popular para servir as massas. *In: Revolução africana: uma antologia do pensamento marxista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

- MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MARX, Karl. **A guerra civil na França**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 196.
- MARX, Karl. **Glosas marginais ao programa do Partido Operário Alemão**. The Marxists Internet Archive, 1844, P. 29.
- MARX, Karl. **O Capital**. Tomo I. México: Siglo XXI, 1976 [1867], p. 638.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MORRIS, R. **Documentos básicos de história dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. 1956.
- NOGUEIRA, Claudia Mazzei. CTC. *In: Latinoamericana: enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Laboratório de Políticas Públicas da UERJ, 2006.
- OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização pesquisas em administração**. Catalão: UFG, 2011.
- RAMONET, Ignacio. **Fidel Castro: biografia a duas vozes**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- ROBERTSON, R. M. **História da economia americana**. Rio de Janeiro: Record, 1967. v.2.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.
- SILVA, José Afonso da. **Poder Constituinte e Poder Popular**. São Paulo: Malheiros, 2000.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- VASCONCELOS, Joana Salém. Qual o lugar das cooperativas no socialismo cubano? *In: Cuba no século XXI: dilemas da revolução*. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2017.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.